

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

Sabrina Nunes dos Santos da Silva

**EDUCAÇÃO MUSEAL: análise de práticas pedagógicas no Museu
Casa Guignard e sua relação com a comunidade ouro-pretana.**

Ouro Preto

2025

Sabrina Nunes dos Santos da Silva

**EDUCAÇÃO MUSEAL: análise de práticas pedagógicas no Museu
Casa Guignard e sua relação com a comunidade ouro-pretana.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia do Departamento de Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Priscilla Arigoni Coelho

Coorientadora: Profa. MSc. Anna Beatriz Vieira Muniz Donatelli

Linha de pesquisa: Museologia e Comunicação

Ouro Preto

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586e Silva, Sabrina Nunes dos Santos da.
Educação museal [manuscrito]: análise de práticas pedagógicas no
Museu Casa Guignard e sua relação com a comunidade Ouro-pretana.. /
Sabrina Nunes dos Santos da Silva. - 2025.
63 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Priscilla Arigoni Coelho.
Coorientadora: Profa. Ma. Anna Beatriz Vieira Muniz Donatelli.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola
de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Museologia .

1. Museu Casa Guignard (MCG). 2. Museus - Aspectos educacionais. 3.
Museus - Aspectos educacionais - Práticas Educativas. 4. Comunidades
de prática. I. Coelho, Priscilla Arigoni. II. Donatelli, Anna Beatriz Vieira
Muniz. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 069

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Sabrina Nunes dos Santos da Silva

EDUCAÇÃO MUSEAL: análise de práticas pedagógicas no Museu Casa Guignard e sua relação com a comunidade ouro-pretana.

Monografia apresentada ao Curso de
Bacharelado em Museologia de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovada em 09 de abril de 2025

Membros da banca

Dra. Priscilla Arigoni Coelho - Orientadora - UNIRIO
MSc. Anna Beatriz Vieira Muniz Donatelli - Coorientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Yara Mattos - Universidade Federal de Ouro Preto
MSc. Wanalyse Angélica Pontes Emery - Museu Casa Guignard

Priscilla Arigoni Coelho, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 27/08/2025



Documento assinado eletronicamente por **Anna Beatriz Vieira Muniz Donatelli, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/08/2025, às 18:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0968291** e o código CRC **39DAA092**.

Aos que me estenderam as mãos,
seja com palavras, silêncios ou abraços,
construindo comigo cada página desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são muitos. A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e incentivo de muitas pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a sua concretização. Assim, ao chegar ao fim desta jornada – que também é recomeço -, quando tudo parece ter dado certo, penso que é tempo de voltar, olhar e expressar minha gratidão. Nenhum caminho se percorre só, no meu por exemplo, pude caminhar com pessoas de alma tão generosa, que deixaram em mim suas marcas. Por isso, meu agradecimento não é só uma formalidade, mas o reconhecimento sincero de que nenhuma linha deste trabalho foi uma escrita solitária.

Agradeço especialmente à minha família, em particular aos meus pais: Sandra Rosa (*in memoriam*), Vitor Nunes e irmãos Lucas Santos e Monique Nunes, por sempre terem sido compreensivos e grandes incentivadores dos meus sonhos.

Aos amigos que encontrei pelo caminho, e aos que carreguei no peito, ao sair de Heliódora e vir para Ouro Preto.

Um agradecimento especial para a minha namorada, Amanda Figueiredo. Parceira nesta jornada, esse trabalho não seria o mesmo sem sua companhia.

A Magali e Jezebel, minhas princesas em forma de gato.

Gostaria de agradecer à República Bombocado, pela acolhida em tempos difíceis e pela alegria proporcionada no cotidiano. Em especial, Camila, por todo o apoio com a análise de dados deste trabalho.

Quero agradecer profundamente, a minha orientadora Priscilla Arigoni e coorientadora Anna Beatriz, pela orientação certa e tranquila, e pelas contribuições significativas que tornaram possível a elaboração deste trabalho. Também agradeço a Prof.^a Dr.^a. Yara Mattos, pela generosidade em participar de minha banca, e por ser uma fonte constante de inspiração.

Gostaria de expressar minha gratidão à Universidade Federal de Ouro Preto UFOP e ao Departamento de Museologia (DEMUL), ao Centro Acadêmico de Museologia “Professor José Arnaldo Coelho de Aguiar Lima” (CAMUL), ao Museu da Farmácia, ao Museu Bouliou e ao Museu de Mariana. Todo o aprendizado e experiência vivenciada, estou certa que expressiva foi a contribuição para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Ao Museu Casa Guignard, sua existência nos permite caminhar para um lugar infinito de possibilidades. Com destaque para diretora e museóloga Wanalyse Emery, por toda a ajuda preciosa e atenta nesta pesquisa.

Despalavra

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros.
Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades
de sapos.
Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades
de árvore.
Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.
Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.
Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo
com as suas metáforas.
Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos.
Daqui vem que os poetas podem compreender
o mundo sem conceitos.
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,
por eflúvios, por afeto.
(Barros, 2010.)

RESUMO

O presente estudo tem como objeto de análise o Museu Casa Guignard, situado na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, no contexto de sua relação pedagógica com a comunidade local. A pesquisa investiga a relação entre o Museu Casa Guignard e a população ouro-pretana, com ênfase nas práticas pedagógicas desenvolvidas pela instituição. Nesse sentido, busca-se compreender as estratégias educacionais adotadas pelo museu, analisando a atuação educativa para com moradores locais. A análise foi conduzida por meio de uma abordagem descritiva e quantitativa, organizando e sistematizando as informações em planilhas, tabelas e gráficos comparativos. O estudo concentra-se no período entre 2013 a 2024, investigando a relação entre os seguintes aspectos: o perfil do público visitante, a frequência das atividades educativas ofertadas e as instituições de ensino participantes, com ênfase naquelas localizadas no município de Ouro Preto. Ao analisar os processos que fazem parte da atuação educativa do museu, a pesquisa identifica ainda ausências do público ouro-pretano.

Palavras-chave: Museu Casa Guignard. Educação Museal. Práticas Educativas. Comunidade.

ABSTRACT

The present study focuses on the analysis of the Museu Casa Guignard, located in the city of Ouro Preto, Minas Gerais, within the context of its pedagogical relationship with the local community. The research investigates the connection between the Museu Casa Guignard and the residents of Ouro Preto, with an emphasis on the pedagogical practices developed by the institution. In this sense, the study seeks to understand the educational strategies adopted by the museum, analyzing its educational engagement with local residents. The analysis was conducted using a descriptive and quantitative approach, organizing and systematizing the information in spreadsheets, tables, and comparative charts. The study focuses on the period between 2013 and 2024, examining the relationship between the following aspects: the profile of visiting audiences, the frequency of educational activities offered, and the participating educational institutions—with a particular emphasis on those located in the municipality of Ouro Preto. By analyzing the processes that constitute the museum's educational work, the research also identifies gaps in participation by Ouro Preto's local population.

Keywords: Museu Casa Guignard. Museum Education. Educational Practices. Community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: La Tribune de la Galerie I. & R. de Florence	24
Figura 2: Proposta de um modelo de estudo e pesquisa do sistema didático museal	27
Figura 3: Alberto da Veiga Guignard pintando a paisagem ouro-pretana.	32
Figura 4: Fachada do Museu Casa Guignard.....	33
Figura 5: Sala de Retratos.....	35
Figura 6: Sala Guignard Ilustrador	36
Figura 7: Sala expositiva do Museu Casa Guignard	37
Figura 8: Corredor Passos de Guignard.....	38
Figura 9: Sala de exposições de curta duração	39
Figura 10: Produto de oficina (Acervo educativo MCG)	41
Figura 11: Produto de oficina (Acervo educativo MCG)	42
Figura 12: Produto de oficina (Acervo educativo MCG)	42
Figura 13: Proporção percentual das visitas realizadas por escolas de Ouro Preto e escolas de outros municípios, por ano.	48
Figura 14: Comparação entre a quantidade de visitas realizadas por escolas de Ouro Preto e escolas de outros municípios, por ano.....	49
Figura 15: Comparação entre a quantidade de escolas visitantes de Ouro Preto e escolas visitantes de outros municípios ao longo dos anos	50
Figura 16: Comparação entre visitantes de Ouro Preto e visitantes de outros municípios, por ano.	51
Figura 17: Comparação entre escolas que existem no município e escolas que estiveram no museu, por esfera de administração, no ano de 2024.	52
Figura 18: Comparação entre visitantes ouro-pretanos e visitantes de outras cidades, durante a gestão 2013-2019	54
Figura 19: Comparação entre visitantes ouro-pretanos e visitantes de outras cidades, durante a gestão 2022-2024	54
Figura 20: Relação de visitantes ouro-pretanos por ano, durante a gestão 2013-2019.	55
Figura 21: Relação de visitantes ouro-pretanos por ano, durante a gestão 2022-2024.	56

Figura 22: Relação de visitantes ouro-pretanos por ano, durante a gestão 2022-2024.
.....56

LISTA DE SIGLAS

IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ICOM CECA	Committee for Education and Cultural Action
ICOM CECA - Brasil	Comitê para Educação e Ação Cultural do ICOM Brasil
IEPHA/MG	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MCG	Museu Casa Guignard
PNEM	Política Nacional de Educação Museal
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
SAE	Serviço de Assistência ao Ensino
SECULT	Diretoria de Museus da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo
SEMMG	Sistema de Museus de Minas Gerais
SUM	Superintendência de Museus
SUMAV	Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Número de escolas que visitaram o museu 2013-2024
TABELA 2	Frequência de participantes de escolas por cidade
TABELA 3	Comparação entre escolas existentes em Ouro Preto com escolas existentes em Ouro Preto que visitaram o museu

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 - Educação Museal: A Função Social do Museu.....	21
<i>1.1. O que é Educação Museal? Formas de entender suas potencialidades.....</i>	<i>21</i>
2 – O Museu Casa Guignard	30
<i>2.1. Aspectos Históricos e Estruturais</i>	<i>30</i>
<i>2.2. As coleções do museu.....</i>	<i>34</i>
<i>2.3. Descrição dos espaços expositivos</i>	<i>34</i>
<i>2.4. O Setor Educativo.....</i>	<i>39</i>
3 - Análise de dados do Museu Casa Guignard: público, ações pedagógicas e acesso da comunidade ouro-pretana.....	45
<i>3.1. Análise dos dados</i>	<i>45</i>
<i>3.2. Resultados Obtidos</i>	<i>47</i>
<i>3.3. Desempenho Institucional: Impactos na Comunidade Local</i>	<i>57</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	61

INTRODUÇÃO

Inicialmente, será adotada uma abordagem pessoal, motivada pela relação afetiva com a Educação Museal. Tal interesse se desenvolveu durante a atuação no Projeto de Extensão no Museu da Farmácia, e também no decurso do estágio realizado no Setor Educativo do Museu Bouliou. As experiências vivenciadas nessas instituições museológicas foram diversas e enriquecedoras, contribuindo significativamente para o aprofundamento teórico e prático neste campo de atuação. Para além dessas contribuições, considera-se que é uma oportunidade para protagonizar a importância, eficácia, permanência e existência de práticas pedagógicas tangíveis nas instituições museológicas, possíveis de serem al Para isso, este estudo buscará discutir as relações entre a comunidade ouro-pretana e o Museu Casa Guignard, com base na análise das atividades pedagógicas desenvolvidas, do perfil dos participantes e dos resultados da pesquisa.

O trabalho também busca abordar algumas inquietações recorrentes na área. Desde o início da graduação, foram levantadas diversas questões relacionadas aos desafios enfrentados pelos museus, como o papel educativo, a formação de públicos e a construção de diálogos significativos com a comunidade. Entre essas questões, algumas se destacam por sua relevância e potencial para direcionar o desenvolvimento deste estudo. Outrossim, durante as experiências no projeto de extensão e no estágio, foi possível identificar dilemas amplamente discutidos no setor cultural e educativo dos museus, bem como problemáticas recorrentes enfrentadas por essas instituições. No entanto, também foram observadas as potencialidades inerentes à prática pedagógica, assim como o impacto das reflexões suscitadas e implementadas no contexto museológico.

É relevante observar que o museu desempenha um papel ativo na formação dos sujeitos, atuando como um facilitador de diálogos reflexivos e essenciais para a tomada de consciência crítica dos indivíduos. Esse papel, que é educativo e transformador dos museus está intrinsecamente ligado às questões previamente mencionadas no parágrafo anterior, como a formação de públicos e a construção de relações significativas com a comunidade. Nesse sentido, como destaca Cury (2013, p.13-28), "o museu só existe na cabeça do visitante e, indo além, o museu se realiza como museu com o público, pois são os usos que o público faz dele que lhe dão forma

social". Assim, as instituições museológicas só fazem sentido quando estabelecem relações significativas com seus públicos.

Quando analisamos o conceito e propósito fundamental de uma instituição museal, conforme o Conselho Internacional de Museus (ICOM) - essa definição foi aprovada em 24 de agosto de 2022, durante a Conferência Geral do ICOM em Praga,

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos. (Icom, 2022) ¹

Para esta pesquisa, a partir da perspectiva de compreender o mecanismo do setor educativo do Museu Casa Guignard, entende-se que será fundamental questionar os objetivos museais, se estão sendo efetivamente alcançados, explorando em detalhes como a instituição busca cumprir sua missão educativa e a relação construída com o público ouro-pretano.

O museu Casa Guignard (MCG) foi criado em 1987, estando localizado na Rua Conde de Bobadela, nº 110, centro de Ouro Preto – MG. Seu espaço é dedicado a vida e arte de Alberto da Veiga Guignard (1896 – 1962). Guignard destacou-se como um dos principais pintores modernistas do Brasil. Nascido em 1896, na cidade de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro (RJ), viveu na Europa dos 11 aos 33 anos. Após esse período, retornou ao Brasil, onde residiu até sua morte em 1962, na cidade de Ouro Preto. Em Minas Gerais, o artista viveu os últimos dezoito anos de sua vida, dividindo seu tempo entre estadias em hotéis e períodos em casas de amigos. Durante esse período, ele se sentiu particularmente fascinado pela cidade de Ouro Preto, onde desejava comprar uma casa própria. Contudo, veio a falecer antes de realizar esse sonho. O museu integra uma rede (Sistema de Museus de Ouro Preto) de mais de 10 instituições museais do município, sendo seu acervo composto sobretudo por recortes de jornais datados desde 1942 até os dias atuais, catálogos de exposições, livros, folhetos, periódicos e fotografias.²

¹ A nova definição data de 2022, contudo esta tradução pertence a nova definição de museu realizada pelos comitês nacionais do ICOM nos países lusófonos em 2023.

² Para a elaboração deste parágrafo, tomou-se como referência o Plano Museológico do Museu Casa Guignard 2015-2018, fornecido pela própria instituição.

A presente pesquisa tem como objetivo identificar as práticas pedagógicas existentes no Museu Casa Guignard, a fim de compreender as estratégias educacionais utilizadas por essa instituição, e nesse sentido, refletir sobre a relação fomentada entre o museu e a comunidade ouro-pretana. Outrossim, conceituar Educação Museal; - Estabelecer relações entre a função social do museu com as consequências das práticas educativas; Discorrer sobre questões sociais que influenciam ao não acesso, como a favelização e gentrificação da cidade; Analisar as práticas pedagógicas no Museu Casa Guignard e sua relação com a comunidade ouro-pretana, delimitando os anos de 2013-2024; Apresentar um diagnóstico, feito com base em documentações regulamentadoras da instituição e dados do período de 2013-2024.

Para um museu, localizado em uma cidade que foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural da Humanidade, em setembro de 1980, emergem a responsabilidade e necessidade de entender sobre esse espaço museal, particularmente, refletir: para quem é esse espaço? A quem ele pertence? O Museu Casa Guignard está sendo ocupado pela comunidade ouro-pretana?

Percebe-se que os museus, guiados por seus objetivos enquanto instituições museológicas, possuem mecanismos com funções pedagógicas, sociais e políticas. Esses mecanismos estão ligados a uma série de questionamentos importantes. Por exemplo, se esses espaços não forem ocupados pelos sujeitos – que, nesta análise, são considerados agentes de transformação -, o resultado será em uma ausência de representatividade e não acolhimento para os indivíduos que partilham o mesmo domínio intermunicipal.

Toda a instituição museal apresenta um determinado discurso sobre a realidade. Este discurso, como é natural, não é natural e compõe-se de som e de silêncio, de cheio e de vazio, de presença e de ausência, de lembranças e de esquecimento (Chagas, 2015 p. 32).

Nesse sentido, a identificação do público não alcançado pelo museu pode refletir uma situação onde os museus estão se esvaziando de sentidos, circunstância que expõe uma progressiva desarticulação do objetivo central dos museus.

O trabalho “Educação Museal: análise de práticas pedagógicas no Museu Casa Guignard e sua relação com a comunidade ouro-pretana”, justifica-se num primeiro plano, pelo ineditismo de uma análise voltada para pesquisa de público no Museu

Casa Guignard, com foco na população ouro-pretana. Outro ponto importante para mencionar, é de que precisamos compreender a ocupação dessa instituição, por parte dos moradores locais. Assim, é possível notar que esse trabalho pode impactar, direta ou indiretamente, a maneira como a instituição se organiza para alcançar, em seu próprio mecanismo facilitador, a comunidade local, foco deste trabalho. A partir desse ponto, discutir os principais pressupostos teóricos e ainda problematizar as fragilidades encontradas, a fim de intensificar as discussões em torno de ideias que devem embasar as práticas pedagógicas e contribuir para a compreensão do dever social do museu.

Para o desenvolvimento efetivo dos objetivos específicos, integrando-os em um corpo analítico e argumentativo, e considerando o propósito central deste trabalho — que consiste em analisar as práticas pedagógicas adotadas pelo Museu Casa Guignard, com o intuito de compreender as estratégias educacionais empregadas pela instituição —, a pesquisa assume um caráter exploratório. Além disso, busca-se refletir sobre a relação estabelecida entre o museu e a comunidade ouro-pretana, explorando os vínculos e impactos gerados por essa interação. Nesse sentido, adota-se como metodologia uma abordagem documental, com base nos documentos regimentais da instituição, como:

1. Plano Museológico do Museu Casa Guignard: O plano museológico é uma ferramenta essencial de gestão e planejamento estratégico, orientado a organização, objetivos e ações dos museus. Também fundamenta sua criação, fusão e atuação na sociedade (Brasil, 2009, Art. 45).
2. O Plano Pedagógico: O plano pedagógico ou programa pedagógico, são documentos e conjuntos de ações que orientam as atividades educativas dessas instituições. Eles definem os objetivos, metodologias, públicos-alvo e estratégias para promover a educação e a mediação cultural dentro do museu.
3. Registros de mediações e oficinas: Os registros das mediações e oficinas, são normalmente encontrados em um documento geralmente chamado de relatório de mediação ou relatório de atividades educativas. Ele serve para documentar, identificar e categorizar informações sobre as atividades.

Ainda, com base em estudos comparativos do conteúdo das obras de diversos autores, será conduzida uma revisão bibliográfica e documental que permitirá um aprofundamento mais consistente sobre o tema da pesquisa. A coleta de dados

secundários para o desenvolvimento deste projeto será realizada por meio de publicações relacionadas aos conceitos-chave de análise, garantindo uma fundamentação teórica sólida e abrangente. Assim, toma-se como principais autores com conteúdo relacionado ao tema: Martha Marandino, Marília Xavier Cury, Paulo Freire e Mário Chagas. Outros autores serão utilizados, na tentativa de promover uma reflexão mais profunda sobre a necessidade de a comunidade local ouro-pretana permanecer ocupando o Museu Casa Guignard. Será realizada uma análise descritiva dos dados fornecidos pelo museu. Para tanto, será elaborado um planilhamento, tabelas e gráficos comparativos, correlacionando os dados dos anos de 2013 a 2024, estabelecendo parâmetros entre público local, frequência de atividades, escolas que visitaram o museu com ênfase nas escolas do município de Ouro Preto.

O trabalho é composto, além desta introdução, por outros 3 capítulos.

Capítulo 1 – Educação Museal: A Função Social do Museu trata a Educação Museal, enquanto processo fundamental e aborda diversos aspectos relacionados ao seu papel mediador entre as dimensões socioculturais, a instituição museológica e a comunidade. Ele também examina as características dos museus ao passo que o compreende como dispositivo cultural voltado à promoção do diálogo e à formação crítica, com foco especial no efetivo desempenho museal e sua relação com os sujeitos.

Já Capítulo 2 – O Museu Casa Guignard delineia uma análise histórico-institucional e pedagógica do Museu Casa Guignard, localizado em Ouro Preto (MG), examinando seu processo de fundação, evolução e consolidação enquanto espaço museológico de relevância no âmbito educacional. A investigação enfoca não apenas a trajetória da instituição, mas também sua contribuição para a salvaguarda da obra de Guignard — artista que explorou fissuras simbólicas na paisagem cultural ouro-pretana —, bem como sua atuação na esfera educativa e na construção de identidades locais e nacionais. Como fundamentação teórico-metodológica, utilizam-se o Plano Museológico e o Programa Educativo da instituição.

Por último, no Capítulo 3 – Análise de dados do Museu Casa Guignard: público, ações pedagógicas e acesso da comunidade ouro-pretana – nesse capítulo se analisa as práticas educativas desenvolvidas pelo Museu Casa Guignard, com base nos dados institucionais das práticas educativas, fornecidos pela própria instituição. Os dados foram abordados de forma descritiva e quantitativa, mediante a organização e sistematização das informações em planilhas, tabelas e gráficos comparativos. O

recorte temporal abrange o período de 2013 a 2024, com foco na correlação entre os seguintes indicadores: perfil do público visitante, frequência de atividades educativas realizadas e instituições de ensino atendidas, destacando-se aquelas vinculadas ao município de Ouro Preto.

1 - Educação Museal: A Função Social do Museu

Neste capítulo, vamos compreender a Educação Museal como um processo necessário para a construção de conhecimento, protagonizando a prática como mediadora entre o social-cultural, instituição-comunidade. Quando consideramos uma instituição museológica como ferramenta cultural responsável por promover, dialogar e fomentar conhecimento e formação, percebemos seus desafios e oportunidades. Nesse sentido, identifica-se diante das transformações contemporâneas a necessidade de ampliar e pensar políticas de permanências de atuação pedagógica dentro dos museus.

1.1. O que é Educação Museal? Formas de entender suas potencialidades

A educação pode ser um constante devir, um objeto-movimento em permanente construção, formada a partir de interações múltiplas, e, assim, pode ser entendida como a esfera que possibilita a existência da multiplicidade, aceitação da individualidade e dimensão infinita de possibilidades para formar sujeitos. Pensar em educação, de acordo com Toraille (1985) é partir de um ponto de partida em que todo o volume de conhecimento adquirido nos torna capazes de nos apropriar de uma habilidade, sendo a “instrução” proporcional ao desenvolvimento de sabedoria.

Segundo a obra Freiriana, a educação é um caminho contínuo para a liberdade. Freire (2014) compreende que educar significa construir e libertar o indivíduo do determinismo, promovendo o reconhecimento do papel da História e da identidade cultural, tanto em sua dimensão pessoal quanto na prática pedagógica. Sua concepção de educação entende o ser humano como autônomo, e essa autonomia se manifesta na vocação ontológica de “ser mais”, ligada à capacidade de transformar a realidade. No livro *Educação como Prática da Liberdade* (2014) de Paulo Freire, o educador propõe um modelo educacional dialógico e libertário, que dialoga veementemente com o campo da educação museológica, sobretudo no que diz respeito à participação ativa do público e à construção do conhecimento.

Quanto aos conceitos e a relação de Educação e Educação Museal, Desvallées e Mairesse (2013, p. 38) propõem no livro *Conceitos-chave de Museologia*:

De uma maneira geral, a educação significa a implementação dos meios necessários para a formação e o desenvolvimento de pessoas e de suas próprias capacidades. A educação museal pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante; como um trabalho de aculturação, ela apoia-se notadamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento, o florescimento e a aprendizagem de novos saberes (Desvallées, André; Mairesse, François, 2013).

De acordo com Costa et al. (2018, p. 74), a Educação Museal integra um elemento substancial no campo da educação geral na sociedade, “seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e com a experiência da visita”. Por conseguinte, a “... Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la” (Costa et al., 2018, p. 74).

Embora a Educação Museológica seja um instrumento mediador interno dos museus, as políticas imersivas voltadas para o campo são recentes. A Política Nacional de Educação Museal (PNEM) foi aprovada em junho de 2017 e consolidada por meio da Portaria do Ibram nº422, 30 de novembro de 2017.³ A partir disso, passa-se a compreender “por Educação Museal um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (Brasil, 2018, p. 129). A Política Nacional de Educação Museal resulta de um processo iniciado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2010 (Museus, 2018). Trata-se de uma iniciativa de âmbito federal que teve sua origem como um programa e, posteriormente, foi institucionalizada como uma política pública de alcance nacional (Ibram, 2017). Essa construção realizada em coletivo culminou na definição de diretrizes voltadas ao desenvolvimento do campo da Museologia no Brasil, ao mesmo tempo em que fortalece uma abordagem mais cuidadosa e abrangente sobre as múltiplas potencialidades da educação em museus. O documento foi publicado em 2018 sob o título *Política Nacional de Educação Museal*. A divulgação desse documento orientador representa um marco fundamental para o desenvolvimento das iniciativas voltadas à implementação dos princípios e diretrizes

³ Essa portaria foi revogada posteriormente pela Portaria Ibram nº 605, 10 de agosto de 2021 (IBRAM, 2021).

da PNEM⁴, pois fortalece o campo educacional-museológico por meio de um instrumento de expressiva relevância.

Na Antiguidade, já se registravam informações sobre instituições análogas aos espaços museológicos contemporâneos, que possuíam caráter educacional. Conforme Gonçalves (2004), a atividade voltada para o colecionismo, associada à intenção de expor a coleção, constitui o surgimento para a “origem dos museus”.

Mouseion é o termo que o historiador Estrabão (Alexandria, século I a.C.) emprega para referir-se a um centro interdisciplinar de cultura e patrimônio, e dos palácios reais de Ptolomeu Soter ou Ptolomeu Filadelfo. O museu era parte integrante desses palácios. A palavra *mouseion* é usada durante o helenismo no sentido de indicar a tentativa de coligar conhecimentos produzidos pelo homem. O que é reunido, colecionado e exibido volta-se para a busca de um saber universal. (Gonçalves, 2004, p. 13-14).

Nesse espaço, concebido como um arquétipo para futuros museus, também havia espaço para atuação pedagógica,

[...] reunia todo um complexo cultural-científico: biblioteca, observatório astronômico, jardim botânico, zoológico, salas de trabalho e estudo e anfiteatro (*idem, ibidem*). No livro XVII de sua Geografia, ao desenhar um quadro de Alexandria à época de seu esplendor, Estrabão descreve a imensidão dos palácios reais construídos pela dinastia dos Ptolomeus desde o final do século IV [...]. (Gonçalves, 2004, p. 13-14).

⁴ A Política Nacional de Educação Museal passou por um processo de revisão nos últimos dois anos e, em breve, será lançada uma nova versão. Nessa atualização, busca-se adotar uma abordagem mais prática para a implementação da política pública. Com essa nova reformulação, objetiva-se assegurar a acessibilidade e a representatividade, promovendo a inclusão de diferentes grupos étnico-raciais, sociais, de gênero, orientações sexuais, faixas etárias, pessoas com deficiência e das diversas regiões do país, o que é essencial para a efetividade da política (Ibiam, 2024).

Figura 1: *La Tribune de la Galerie I. & R. de Florence*



Fonte: The British Museum, 2025⁵

Os museus, consolidam-se como instituições que salvaguardam e valorizam o sociocultural ao se comprometerem com o desenvolvimento social e com as lutas históricas da comunidade na preservação de sua identidade cultural. Nesta circunstância, a implementação de ações educativas e a criação de recursos hábeis de comunicação com o público são substanciais para a concretização da função social da instituição, sendo acrescentada mais uma responsabilidade para essa ferramenta cultural: a função didática.

A institucionalização das práticas educativas incorporou no Brasil um novo setor dentro do museu: o setor educativo, em 1927, surgiu com a criação do Serviço de Assistência ao Ensino (SAE) no Museu Nacional, sob a liderança de Edgard Roquette-Pinto, IBRAM (2018). O serviço tinha como propósito apoiar o desenvolvimento de práticas educativas que contribuíssem para a aprendizagem e para a implementação do currículo escolar. Segundo o Museu Nacional, as atribuições do SAE incluíam a orientação de visitantes nas exposições do museu, a organização de cursos, palestras e sessões cinematográficas educativas, além da elaboração de campanhas educativas focadas na proteção ambiental e no conhecimento dos recursos naturais do país. Ainda, o SAE dedicava-se à produção e distribuição de materiais didáticos para divulgação científica.

O progresso das práticas museológicas e o processo de sua institucionalização devem-se, em grande medida, ao estabelecimento do ICOM em 1946. Esse marco referencial museológico possuía finalidade em promover a colaboração entre

⁵ Galerias de arte, exposição de objetos raros e exóticos, deram a origem para o que são reconhecidos como primeiros museus, os Gabinetes de Curiosidades. (Gonçalves, 2012).

instituições museológicas de diversos países e alavancar o debate acerca de questões de interesse para os museus. Os objetivos do ICOM evidenciam sua responsabilidade com o incentivo à criação e ao avanço de museus, seja qual for a sua tipologia, viabilizando a estruturação institucional e a colaboração entre museus e seus profissionais em nível nacional e internacional.

Posteriormente a criação do órgão de maior responsabilidade institucional ligada aos museus, “a UNESCO promoveu três encontros considerados pelos profissionais de museus como marcos para o campo da Educação Museal⁶: o primeiro em Nova Iorque, em 1952; o segundo em Atenas, em 1954; e o último no Rio de Janeiro, em 1958” (Ibram, p.15, 2018).

O primeiro encontro, considerado o mais significativo, ocorreu em 1952 e teve como foco principal a dimensão pedagógica, reunindo representantes de 25 países, incluindo museólogos e especialistas em educação. Entre as deliberações estabelecidas durante o evento, destacou-se a necessidade de aprimorar as metodologias de ensino por meio da articulação entre as ações educativas desenvolvidas pelos museus e os currículos dos Institutos de Educação. Além disso, foi proposta a incorporação das funções e das práticas museológicas na estrutura curricular dos cursos de formação docente. No contexto brasileiro, foram implementadas diversas iniciativas educacionais, por meio de programas e projetos específicos, que incorporaram estratégias destinadas a fomentar essa relação. O referido seminário exerceu um papel catalisador, impulsionando uma série de medidas no âmbito da Educação Museal nos anos subsequentes (Ibram, p.15, 2017).

Entre os dois primeiros encontros realizados, o ICOM estabeleceu, em 1953, um comitê dedicado exclusivamente à temática da educação museológica, denominado International Committee on Education. Aproximadamente uma década após sua criação, esse comitê foi reestruturado e passou a ser designado como Committee for Education and Cultural Action (CECA) (Ibram, p.15, 2017).

Mário Chagas⁷, no texto “Museu e Ciência: assim é se lhe parece”, publicado no “Caderno do Museu da Vida”, decorrente do II Seminário sobre o formal e o não-

⁶ O conceito de educação museal começou a ser utilizado no Brasil por Mario Chagas no início do século XXI, embora, naquele momento, ainda não houvesse uma definição clara do termo. Somente definição em 2018, ele foi conceituado formalmente no Caderno da Política Nacional de Educação Museal (Silva e Costa, 2024).

⁷ Mário de Souza Chagas é Museólogo, professor do Departamento de Estudos e Processos Museológicos e pesquisador do Mestrado em Memória Social e Documento da UNIRIO. Tem experiência nacional e internacional no campo da museologia e da museografia, com ênfase na

formal na dimensão educativa do museu em 2001, apresenta o termo “dimensão educativa”. A dimensão educativa do museu pode ser compreendida como sua principal potencialidade, refletindo o conjunto de oportunidades de aprendizagem que emergem do espaço museológico, do acervo e das ações educativas que podem ser desenvolvidas no museu.

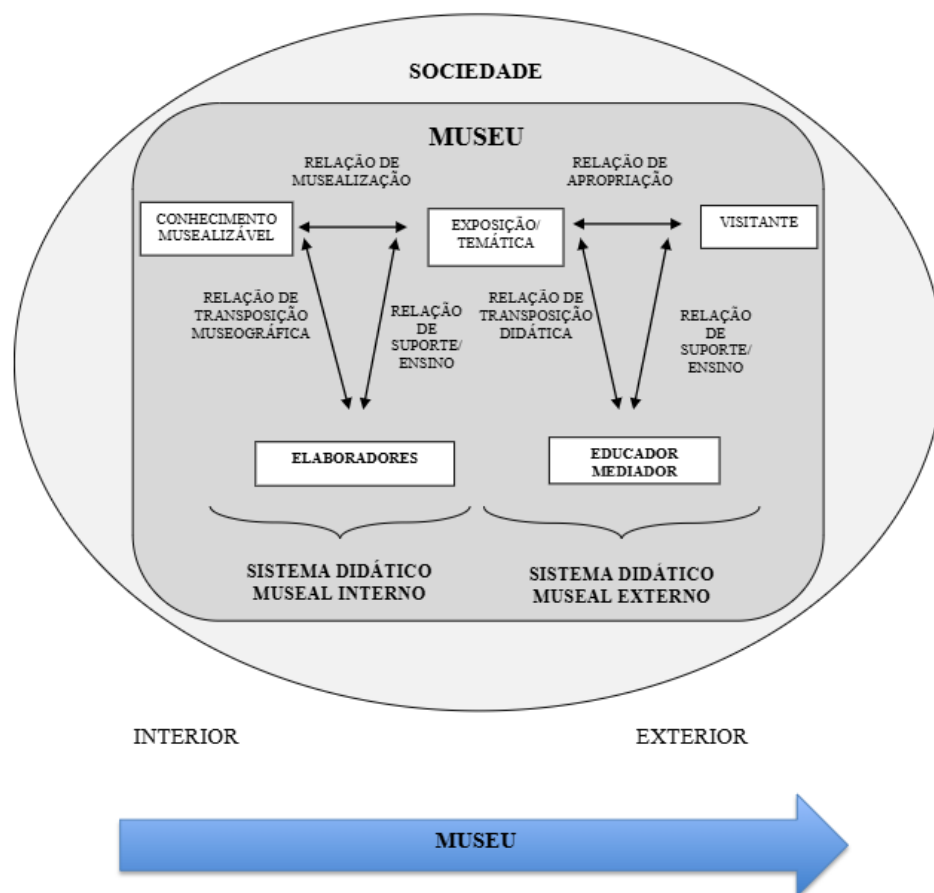
Inicialmente eu gostaria de esclarecer que o termo dimensão é aqui utilizado com o sentido de medida, extensão, volume, grau de potência, qualidade e caráter próprio de determinadas entidades museais no que se refere à educação e ao lazer. Esse esclarecimento visa estabelecer uma diferenciação entre dimensão e função. Assim, ao evitar o uso da expressão “função educativa dos museus” e ao abraçar a expressão “dimensão educativa museal”, estou apenas buscando maior precisão terminológica. (Chagas, 2001, p. 47- 48).

A dimensão educativa do museu é, portanto, um aspecto intrínseco a esse espaço, configurando-se como sua vocação, independentemente da realização de ações educativas (Pereira, 2010). Essa afirmação pressupõe que a aprendizagem no museu possa ocorrer de maneira autônoma, sem a necessidade de uma intenção ou proposição pedagógica específica advinda dos processos museológicos, pois a educação faz parte da natureza intrínseca dos museus. Conforme o professor Mário Chagas, a dimensão educativa do museu distingue-se de sua função educativa, sendo, no campo dos estudos museológicos, reconhecida três funções fundamentais atribuídas aos museus: “a preservação, a investigação e a comunicação”. Mas, ao afirmar que a educação aparece na definição do ICOM como finalidade dos museus, entende que o museu tem uma função educativa (Chagas, 2001, p. 48).

Neste cenário surge uma terminologia, que tem sido amplamente utilizada na literatura acadêmica no Brasil para designar o conjunto de experiências práticas e metodologias desenvolvidas no âmbito das ações educativas de museus, particularmente em textos que abordam museus: a “Pedagogia Museal” (Marandino, 2011, p. 165-176). Conforme Libâneo (2005, p. 30), a Pedagogia é definida como “[...] o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade”. Dessa forma, a educação pode ser entendida como uma soma de processos, influências e intervenções que impactam o desenvolvimento individual do ser humano.

Na literatura estrangeira relativa à Educação Museal, a Pedagogia Museal é conceituada pelos pesquisadores canadenses Michel Allard e Suzane Boucher em sua obra “Educar no museu: um modelo teórico de pedagogia museal”. Segundo os autores, trata-se de um referencial teórico-metodológico voltado à elaboração, execução e avaliação de práticas educativas no contexto museológico, cujo propósito central é a aquisição de saberes – compreendidos como conhecimentos, habilidades e atitudes - por parte do visitante, ou seja, remete-se também às dimensões teóricas e conceituais próprias da Educação Museal (Allard, Boucher, 1998).

Figura 2: Proposta de um modelo de estudo e pesquisa do sistema didático museal



Fonte: MARANDINO, 2013.

Os museus em sua totalidade possuem potencial de destacar dissensos, descontinuidades e rupturas históricas e culturais que, frequentemente, são omitidos ou apagados das narrativas hegemônicas. Essa abordagem crítica permite que os museus se tornem espaços de reflexão e questionamento, contribuindo para uma

compreensão mais complexa e plural da história e da sociedade. Ao desempenharem esse papel, os museus superam sua função tradicional de conservação e exposição, se consolidando como instituições capazes de fomentar diálogos críticos e contradizer narrativas unívocas sobre o passado e o presente. Dessa forma, auxiliam para a desconstrução e rompimentos de discursos dominantes, promovendo o reconhecimento de perspectivas marginalizadas, enriquecendo a concepção coletiva sobre as dinâmicas sociais e culturais.

Como já foi destacado nesta pesquisa, a educação é uma expressiva aliada na democratização dos espaços museais, pois favorece a instituição, tornando-a um espaço possível de inclusão para toda a sociedade. Retomando reflexões freirianas, percebemos que Paulo Freire destacava a importância dos museus na formação estética e no letramento dos indivíduos. Ele defendia que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2011, p. 19-20), ou seja, antes de dominar a linguagem escrita, as pessoas interpretam e transformam o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, podemos entender e analisar o museu a partir da perspectiva de uma ferramenta cultural, um instrumento que pulsa experiências sensoriais, sendo sua ação metodológica entendida como a “educação não formal”.

Segundo a perspectiva de Vasconcelos (2013), podemos compreender como educação não formal aquela que ocorre em ambientes propícios à vivência cultural, ao desenvolvimento de conteúdos e à realização de atividades lúdicas, sem que, necessariamente, esteja vinculada a um sistema de ensino oficialmente reconhecido. Ainda, Vasconcelos (2013) traz abordagens de critérios empregados por Jaume Bernet⁸, onde é possível diferenciar os processos educativos entre educação formal e educação não formal.

Nesse caso, a educação não formal se distingue da educação formal não em função de uma maior ou menor semelhança com a escola. O que a caracteriza é o fato dela não estar incluída no sistema oficial de ensino. Esta condição faz com que a educação não formal não tenha de se submeter a uma “estrutura educativa graduada e hierarquizada que se orienta à provisão de títulos acadêmicos” (Bernet, 1998, p. 28).

A partir desses apontamentos, é possível categorizar as práticas educativas realizadas em museus como pertencentes ao âmbito da educação não formal. Tais

⁸ Jaume Bernet discute sobre tais critérios em “La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social”, publicado em Barcelona no Editorial Ariel, no ano de 1998.

práticas são trabalhadas em espaços que favorecem a investigação cultural, estimulando os indivíduos a refletirem, questionarem e problematizarem as inter-relações entre as temporalidades vividas ou presenciadas por si próprio. Portanto, os museus configuram-se como lugares de convergência e diálogo, capazes – e igualmente responsáveis – de atuar de maneira complementar às instituições de ensino formal.

Os espaços museais são tidos como provocadores de sonhos e ambientes que inspiram imaginação, devaneios e inventividades, como romantizou Walter Benjamin, no texto “Espaços que suscitam sonhos, Museu, Pavilhões de fontes Hidrominerais”, publicado na Revista do Patrimônio em 2005. Adentrar em um espaço expositivo pode ser capaz de introduzir o sujeito em uma nova realidade, ampliando horizontes e desafiando concepções pré-estabelecidas. Essa possibilidade é consequência das múltiplas transformações que a imagem pode suscitar, configurando-se como parte integrativa dos museus.

A visita a um museu abre a possibilidade de ressignificar o olhar para as coisas que nos cercam, na mesma medida que nos desloca para outra cultura, outro tempo. Os museus são espaços de encontros. Encontro com o outro, com o objeto, com a minha própria cultura. (Pinto, 2012, p.2).

Tal prática, estabelecida na função social do museu, participa do processo de identificação e avança para um desenvolvimento da consciência crítica do indivíduo. As consequências das práticas educativas são passíveis de estar na reconfiguração das sociedades, bem como na formação de novos sujeitos participativos.

A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de própria destinação histórica (Freire, 2022, p.11).

2 – O Museu Casa Guignard

Neste capítulo, será apresentado um panorama histórico e educativo do Museu Casa Guignard, situando sua criação, desenvolvimento e consolidação como um museu de referência educativa na cidade de Ouro Preto e no estado de Minas Gerais. A análise do histórico do museu permite compreender não apenas a trajetória da instituição, mas também seu papel na preservação artística de um artista que enxergou ausências culturais nas paisagens ouro-pretanas, na promoção da educação e na formação da identidade local e nacional. Para tanto, é utilizado como bibliografia base para a construção desse capítulo o Plano Museológico e o Programa Educativo do Museu Casa Guignard.

2.1. Aspectos Históricos e Estruturais

No estado de Minas Gerais, observou-se uma significativa intensificação no campo da museologia a partir da década de 1950. Esse período, marcado por um impulso na área e caracterizado pela ampliação de iniciativas voltadas para a preservação, pesquisa e difusão do patrimônio, implicou na inauguração do Museu do Banco do Crédito Real em 1964, Museu Casa Guimarães Rosa em 1974, Museu Mineiro em 1977, Museu Casa Alphonsus de Guimarães em 1987 e Museu Casa Guignard em 1987. Esses são vinculados à Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais (SUMAV) ⁹ e articulados pelo Sistema de Museus de Minas Gerais (SEMMG)¹⁰, conforme estabelecido no Decreto Nº 45.236, de 4 de dezembro de 2009.

Art. 3º Os museus vinculados à SEC, por meio da Superintendência de Museus, passam a integrar o SEMMG. Parágrafo único. Poderão fazer parte do SEMMG, mediante a formalização de instrumento hábil a ser firmado com

⁹ A SUMAV é responsável pelo acompanhamento das instituições museológicas de Minas Gerais, promovendo a preservação e o acesso ao patrimônio museológico. Também fomenta programas de formação profissional, coordena pesquisas e implementa políticas museológicas no estado, visando o fortalecimento e a disseminação de informações do setor, com apoio do Sistema Estadual de Museus.

¹⁰ O SEMMG, coordenado pela Diretoria de Museus da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (SECULT), foi instituído legalmente em 2013 para integrar e fortalecer os museus mineiros, promovendo encontros regionais e estaduais. Sua formalização, iniciada em 2005, alinha-se à Política Nacional de Museus (2003) e ao Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904/2009), consolidando-se como uma estrutura essencial para o desenvolvimento museológico no estado.

a SEC: I - os museus e as instituições que desenvolvam projetos museológicos vinculados aos demais Poderes do Estado, bem como de âmbito federal e municipal; II - os museus privados e as instituições privadas que desenvolvem projetos museológicos, inclusive aquelas das quais o Poder Público participe; III - as organizações sociais, os museus comunitários, os ecomuseus e os grupos étnicos e culturais que mantenham ou estejam desenvolvendo projetos museológicos; IV - as instituições de ensino oficialmente reconhecidas que mantenham cursos relativos ao campo do saber museológico; e V - outras entidades organizadas vinculadas à área museológica. (Minas Gerais, 2009, p. 1 e 2).

A proposta de criação do Museu Casa Guignard data de 1964, através de um projeto de lei que não teve conclusão. Em 1980, o Decreto Nº 7849, criou a Fundação de Arte de Ouro Preto, que tinha como função organizar e manter um museu dedicado a vida e obra de Alberto da Veiga Guignard.

Guignard destacou-se como um dos principais pintores modernistas do Brasil. Nascido em 1896, na cidade de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, viveu na Europa dos 11 aos 33 anos. Após esse período, retornou ao Brasil, onde residiu até sua morte em 1962, na cidade de Ouro Preto. Em Minas Gerais, o artista viveu os últimos dezoito anos de sua vida, dividindo seu tempo entre estadias em hotéis e períodos em casas de amigos. Durante esse período, ele se sentiu particularmente fascinado pela cidade de Ouro Preto, onde desejava comprar uma casa própria. Contudo, veio a falecer antes de realizar esse sonho.

Guignard contribuiu para o cenário mineiro como artista e educador, explorando as paisagens e os movimentos culturais de sua época na cidade ouro-pretana, retratada nos anos em que a frequentou. Sua atuação foi marcada por uma profunda investigação estética e reflexiva, que não apenas dialogou com as tendências contemporâneas de sua temporalidade, mas também buscou reinterpretá-las.

Figura 3: Alberto da Veiga Guignard pintando a paisagem ouro-pretana.



Fonte: Luiz Alfredo/Acervo O Cruzeiro

A edificação escolhida para receber a sede do Museu Casa Guignard é datada do início do século XIX, período esse, que a torna integrante do conjunto arquitetônico “tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Patrimônio Cultural e Natural Mundial pela UNESCO” (Plano Museológico do Museu Casa Guignard, 2010, p. 7). A residência, uma antiga propriedade da família Costa Sena, localiza-se nas proximidades da Praça Tiradentes (Governo Do Estado De Minas Gerais, 2020, p.2). No início de 1980 a Secretaria de Estado de Governo de Minas Gerais (SEGOV/MG) adquire a casa, que foi cedida em comodato à SECULT para ser sede do museu. No mesmo período da aquisição, a casa passou por uma restauração, realizada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG.

Figura 4: Fachada do Museu Casa Guignard



Fonte: SEMMG, 2025.

2.2. As coleções do museu

Ao mesmo tempo em que o museu se inaugurava, por uma iniciativa do SEGOV/MG é desenvolvido o Projeto Guignard, um banco de dados virtual de obras do artista, com o objetivo de inventariar o maior número possível de obras do pintor, que estavam espalhadas entre diversas coleções particulares e públicas. Atualmente, o museu reúne uma coleção que se constitui como um repositório significativo para a compreensão da produção artística e o legado de Guignard no contexto modernista brasileiro. O acervo conta com cerca de 420 peças, sobretudo por “desenhos, cartões, pinturas sobre madeira, telas, objetos decorados, além de documentação sobre sua atuação como artista (reportagens de jornais e revistas, livros, depoimentos gravados, fotografias, vídeos e documentos pessoais)” (Plano Museológico do Museu Casa Guignard, 2010, p. 8).

A concepção deste projeto originou-se da necessidade de desenvolver estratégias para superar as limitações e barreiras de um museu com um acervo reduzido, o qual, ao romper com os paradigmas tradicionais da museologia, visava – e ainda visa – expandir seu campo de atuação para além de uma coleção restrita aos seus próprios muros. Após mais de três décadas e meia, da inauguração do museu, o Projeto Guignard se mantém atual. Percebemos, que embora o museu então possuía uma coleção de porte menor, seu campo de atuação é um extenso e múltiplo acervo operacional, disperso geograficamente.

2.3. Descrição dos espaços expositivos

O Museu Casa Guignard dispõe de 09 espaços expositivos, divididos em três pavimentos, nos quais são realizadas as exposições de curta e longa duração. A atual exposição de longa duração está distribuída pelo museu, sendo alocada em 05 ambientes no térreo, 02 módulos no andar superior e 02 no subsolo.

No primeiro módulo, a denominada Sala de Retratos contém pinturas que retratam Lúcia Machado de Almeida, artista e amiga próxima de Guignard, bem como retratos de Roberto e Regina Lacerda, casal de amigos cujas pinturas apresentam, ao fundo, representações da cidade de Ouro Preto. Já no segundo módulo, a Sala Guignard Ilustrador evidencia a faceta criativa e inventiva do artista, exibindo livros

ilustrados, desenhos originais, além de documentos e objetos pessoais que contribuem para a compreensão de sua trajetória e processo artístico.

Figura 5: *Sala de Retratos*



Fonte: SEMMG, 2025.

Figura 6: *Sala Guignard Ilustrador*



Fonte: SEMMG, 2025.

No andar superior, encontram-se duas salas expositivas. A primeira delas nomeada como Exposição Permanente, apresenta uma visão ampla da obra *guignardiana* por meio de pinturas, desenhos e objetos decorados. Destaca-se, nesse espaço, a tela Paisagem Imaginária de Minas Gerais, cedida em comodato pelo Museu da Inconfidência. No centro da sala, um catre do século XVIII e um violão remetem à forma como Guignard transformava qualquer superfície em suporte para sua arte. Além disso, as diversas representações de paisagens de Ouro Preto ressaltam a cidade como fonte primordial de sua inspiração artística. No segundo módulo, a Sala de Cartões de Guignard para Amalita exibe uma seleção de desenhos dedicados à pianista Amalita Fontenelle, revelando a característica íntima e afetiva do artista. Guignard produziu inúmeros cartões, expressando sentimentos de amor e amizade tanto para sua musa quanto para suas duas irmãs.

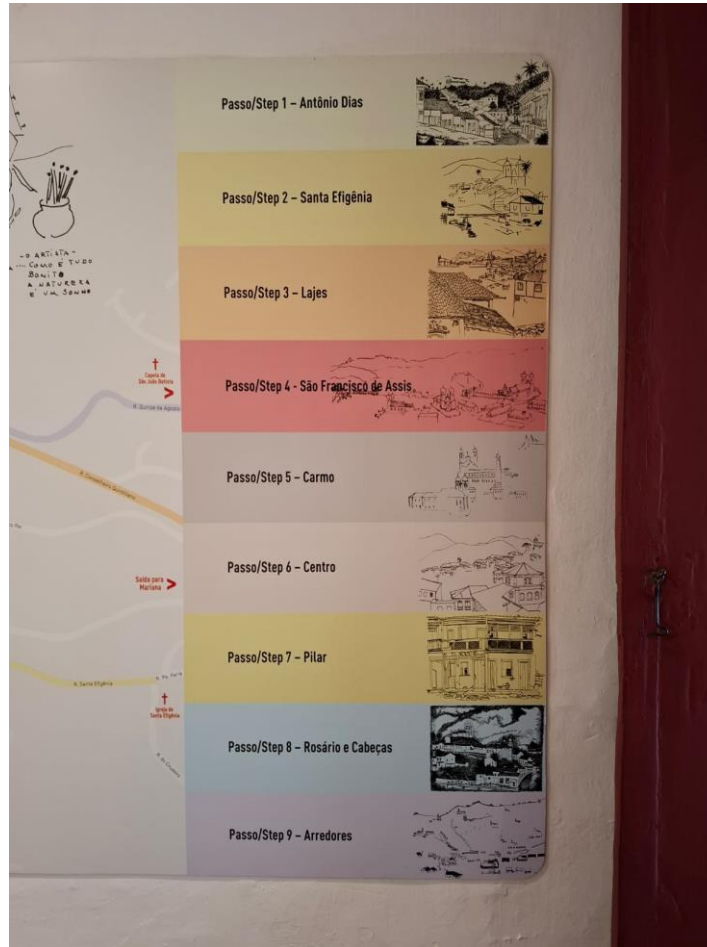
Figura 7: Sala expositiva do Museu Casa Guignard



Fonte: SEMMG, 2025.

No andar térreo, o percurso prossegue pelo corredor, onde se encontra um mapa ilustrativo que destaca os trajetos percorridos pelo artista com seu cavalete em Ouro Preto, no período de 1944 a 1962, época em que ele frequentemente se hospedava na cidade. Em consonância com a proposta do Projeto Passos de Guignard, o corredor também abriga fotografias de Alberto da Veiga Guignard, registradas pelo fotógrafo Luiz Alfredo Ferreira no ano de 1962. Neste mesmo andar, há ainda a Sala Vídeo, que possui recurso audiovisual e uma pequena biblioteca de acesso livre.

Figura 8: *Corredor Passos de Guignard*



Fonte: A autora, 2025.

Por fim, a visita à exposição conclui-se com mais dois módulos localizados no subsolo. O primeiro, Espaço Cultural Priscila Freire abriga um painel ilustrativo que apresenta a cronologia da vida de Guignard. Em seguida, o percurso estende-se até o Jardim de Guignard, que é o segundo módulo do subsolo, onde estão expostas reproduções de naturezas-mortas do mestre Guignard, além de um chafariz esculpido em pedra-sabão, atribuído a Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho.

As exposições de curta duração, por sua vez, ocorrem no subsolo, no Espaço Cultural Priscila Freire, com o intuito de divulgar a obra de Guignard por meio de instalações, representações e releituras associadas à sua produção artística. O espaço abriga de duas a três exposições anuais e também promove exposições de obras produzidas nas oficinas artísticas oferecidas pelo setor educativo do Museu Casa Guignard (Museu Casa Guignard, 2022).

Figura 9: Sala de exposições de curta duração



Fonte: SECULT, 2021.

2.4. O Setor Educativo

O setor educativo do museu foi impulsionado pelo *Projeto Guignard*, que serviu de base para a implementação dos Programas e das ações previstas no Plano Museológico da instituição. As ações pedagógicas que compõem o programa Educativo e Cultural do MCG, estão alinhadas à própria concepção do museu enquanto espaço de referência da vida e obra desse pintor. Nesse sentido, as atividades têm sido fundamentadas a partir do legado deixado pelo artista, que atuou ativamente como educador nas cidades de Belo Horizonte e Ouro Preto.

O museu, se reinventando a partir de uma reflexão para além dos muros, utiliza de metodologias e narrativas poéticas para estruturar seu setor educativo.

[...] Práticas de sensibilização, de educação do olhar, de apreciação e representação da paisagem da cidade são referências importantes para o desenvolvimento das atividades educativas do Museu. Um exemplo marcante dessa iniciativa é o Projeto Passos de Guignard em Ouro Preto, que demarca e explora os locais da cidade onde o artista realizou suas obras. Dentre outras atividades, a instituição promove exposições, palestras e testemunhos do trabalho do artista, além de reunir documentação sobre sua vida, constituindo-se assim um centro aberto a pesquisadores, artistas, estudantes de arte e público em geral. (Plano Museológico do Museu Casa Guignard, 2010, p. 8).

O programa de Ação Educativa do Museu Casa Guignard foi instituído em 1992, sob a coordenação do artista plástico Gélcio Fortes (1992-2019?)¹¹, com o propósito central de disseminar e promover a obra de Guignard. O Programa foi estruturado a partir de visitas mediadas e oficinas temáticas, dentre essas iniciativas pedagógicas, as oficinas se destacam, pois são oferecidas desde a década de 1990¹² a estudantes de rede municipal de ensino e à comunidade em geral. Essas oficinas não apenas proporcionaram uma experiência educativa expressiva, como também desempenharam um papel fundamental na projeção e integração do museu no contexto urbano da cidade, tornando – o, um museu de referência no âmbito educativo.

[...] As ações educativas do museu usam o próprio direcionamento deixado pelo artista, que atuou como educador, expressivamente, em Belo Horizonte e Ouro Preto. Práticas de sensibilização, de educação do olhar, de apreciação e representação da paisagem da cidade são referências importantes para o desenvolvimento das atividades, que utilizam sua metodologia de trabalho como professor (Museu Casa Guignard, 2022).

Com a criação do programa, pôde ser incorporado a ele as oficinas já realizadas anteriormente na instituição. Segundo o documento técnico de aspecto histórico e pedagógico do museu cedido para análise (2021), foram realizadas durante o período de 2004 a 2008 a Oficina de Interpretação da Paisagem, considerada umas das mais significativas, pois é voltada para estudantes da rede pública dos distritos de Ouro Preto, sua metodologia baseia-se na observação da paisagem a longo prazo, volta o olhar para o patrimônio com um todo. Ao mesmo tempo, desenvolve a Oficina Observação da Paisagem, que direciona as perspectivas para a paisagem. Também, foram realizadas as oficinas, Onde está Guignard? (2004-2005), Cartões de amor e amizade (2007-2008). (Museu Casa Guignard, 2021).

Atualmente, a programação educativa do MCG é disponibilizada ao público por meio de um cardápio de oficinas. Os interessados podem se inscrever antecipadamente ou durante as visitas ao museu. O conjunto de atividades inclui cinco oficinas, alinhadas tanto à proposta museológica da instituição quanto ao universo

¹¹ Durante esta pesquisa, foi solicitado para a atual coordenação o Relatório de Gestão ou um Registro administrativo que contemplava as gestões do MCG desde 1986. No entanto, inexistia esse registro. Então toma-se nesta pesquisa como término do período de gestão de Gélcio Fortes o ano anterior a posse da Coordenadora Wanalyse Emery em 2020.

¹² Esse dado, pôde ser contemplado no 3º Capítulo, onde trabalhamos registros das atividades do Programa Educativo no ano de 1988.

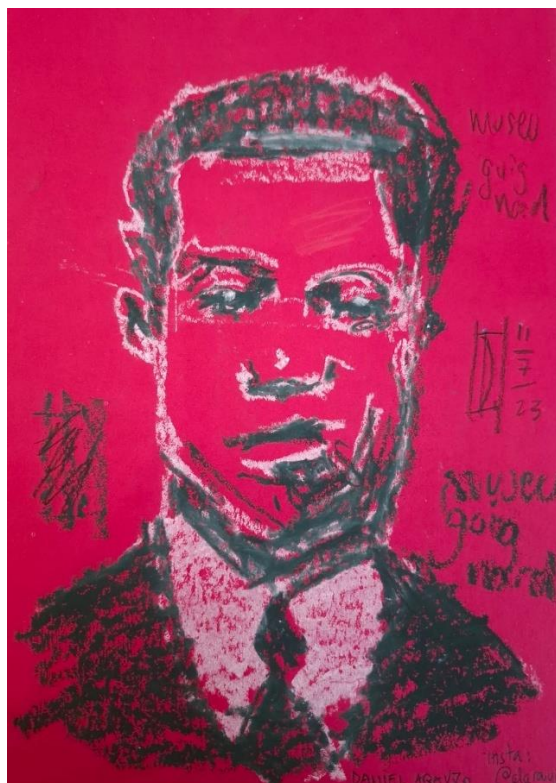
guignardiano. Esse plano de oficinas, possui as Oficinas de Observação da Paisagem, Retrato e Autorretrato, Cartões de Amor e Amizade, Guignard e Poesia e Colorindo Guignard, sendo essa última criada em 2023 pela a atual coordenação, para integrar a Primavera de Museus.

Figura 10: *Produto de oficina (Acervo educativo MCG)*



Fonte: A autora, 2025.

Figura 11: Produto de oficina (Acervo educativo MCG)



Fonte: A autora, 2025.

Figura 12: Produto de oficina (Acervo educativo MCG)



Fonte: A autora, 2025.

As atividades educativas são desenvolvidas no Espaço Cultural Priscilla Freire, localizado no subsolo. O setor educativo está aberto ao público visitante, e seus materiais também são acessíveis, permitindo que o próprio visitante realize as atividades de maneira autônoma. Essa característica de espaço livre, possibilita a compreensão da potencialidade de um espaço pedagógico flexível, no qual a autonomia se configura também como uma forma de expressão artística.

Para além de ações direcionadas para mediações e oficinas com grupos escolares e associações, o programa de Ação Educativa do Museu Casa Guignard também é composto por Projetos. Um deles, Projeto Guignard, já mencionado nos parágrafos anteriores, Passos de Guignard e Semana Guignard. O segundo:

Os Passos de Guignard é de autoria do diretor do Museu Casa Guignard, Gélcio Fortes. Ele indica os itinerários espaciais e líricos do artista em Ouro Preto, tendo em vista referências de depoimentos de pessoas do seu convívio cotidiano entre 1944 e 1962. A partir do mapeamento das ramificações de afetos pessoais de Guignard na Cidade, foram elaborados nove “Passos” ou roteiros-paisagens, trajetos subjetivos, possibilidades de encontros do artista com a Cidade, suas pessoas e seus Arredores - Arredores é no nono passo elencado no Projeto Passos de Guignard e no Programa Educativo e Cultural será referência para se pensar a ligação de temas, conteúdos, conhecimentos que se relacionam com o artista e educador Guignard. Arredores se constituirá como expressão conceitual e poética do Programa Educativo e Cultural do Museu Casa Guignard -, que estabelecem diversas ligações com a obra de Guignard e sua experiência como artista e educador (Secretaria De Estado De Cultura, 2011, p.05)

O estudo foi idealizado pelo Museu Casa Guignard em 1996, sob a supervisão da Profa. Dra. Ivone Luzia Vieira. Entre 1996 e 2001, o museu reuniu relatos de 17 residentes que tiveram contato com Guignard, além de amigos do artista, narrando suas vivências na cidade. Esses depoimentos foram transcritos e hoje estão acessíveis para consulta no acervo da instituição. Simultaneamente ao registro de história oral, foram catalogadas as obras criadas por Guignard naquele período, com foco em representações da cidade, além de inscrições, desenhos feitos em propriedades locais, notas e outros registros de sua presença no local (Museu Casa Guignard, 2022, p.8).

O projeto *Passos de Guignard* mapeia os caminhos, paisagens e espaços urbanos que inspiraram e fizeram parte da vivência artística e educativa de Guignard em Ouro Preto e seus arredores. Esses locais não apenas influenciaram sua produção ao ar livre, mas também representam sua memória e processo criativo, revelando materiais, técnicas e sua prática como professor. Os “Passos” indicam lugares que

ele frequentava e vivenciava como artista-educador. Realizado entre 2001 e 2004, o projeto baseou-se em relatos orais de pessoas que conviveram com Guignard entre os anos de 1944- 1962. O projeto resultou na criação de um *foldermapa* (Figura 8), ilustrado com seus desenhos (Secretaria De Estado De Cultura, 2011, p.5 - 6).

Das lembranças e memórias, buscaram-se extrair informações sobre o processo criativo do artista - materiais, suportes, pincéis, maneira de pintar e desenhar, o seu círculo de amizades, as práticas como professor e o dia-a-dia em Ouro Preto, lugares que frequentava, logradouros e espaços urbanos eleitos como fontes de inspiração para sua produção artística ao ar livre. Percorrer esse trajeto é um convite do próprio Guignard a descobrir o território por ele definido como “cidade-amor inspiração” (Museu Casa Guignard, p.7 e 8, 2022).

Por último, a Semana Guignard, foi idealizada para ser realizada anualmente no mês de junho, é composta por apresentações musicais, palestras, lançamentos de livros, vídeos, exposições temporárias e oficinas, a Semana já faz parte do calendário cultural da cidade de Ouro Preto, integrando o conjunto de festividades da região. No ano de 2024, aconteceu a 14ª Semana Guignard, entre os dias 16 e 25 de junho. O evento celebrou os 80 anos da Escola Guignard, fundada pelo artista em 1944.

3 - Análise de dados do Museu Casa Guignard: público, ações pedagógicas e acesso da comunidade ouro-pretana

Neste capítulo, são examinadas as práticas educativas promovidas pelo Museu Casa Guignard, tomando como base os dados institucionais fornecidos pela atual coordenação do museu. A análise foi conduzida por meio de uma abordagem descritiva e quantitativa, organizando e sistematizando as informações em planilhas, tabelas e gráficos comparativos. O estudo concentra-se no período entre 2013 a 2024, investigando a relação entre os seguintes aspectos: o perfil do público visitante, a frequência das atividades educativas ofertadas e as instituições de ensino participantes, com ênfase naquelas localizadas no município de Ouro Preto.

3.1. Análise dos dados

Para compreender a efetividade das ações dos museus, é essencial entender e analisar a relação que estabelece com o público e os efeitos gerados pelas atividades museológicas, neste trabalho, especificamente as práticas pedagógicas. A análise substanciada pela questão de trazer clareza quanto ao atendimento ao público ouro-pretano, é motivada pela oportunidade para protagonizar ausências ainda não alcançadas pelo Museu Casa Guignard.

A Estatística é uma área da Matemática que estuda os processos de obtenção, tratamento, organização, interpretação e apresentação de dados referentes a algum fenômeno. Dentre as grandes áreas da Estatística, essa pesquisa recorreu à Estatística Descritiva, que pode ser definida da seguinte forma:

É aquela que possui um conjunto de técnicas para planejar, organizar, coletar, resumir, classificar, apurar, descrever, comunicar e analisar os dados em tabelas, gráficos ou em outros recursos visuais, além do cálculo de estimativas de parâmetros representativos desses dados, interpretação de coeficientes e exposição que permitam descrever o fenômeno. Essa área apenas descreve e analisa um conjunto de dados, sem tirar conclusões. (Costa, p. 19, 2011)

O Museu Casa Guignard possui, atualmente, registros de atividades educativas realizadas entre os anos de 1988 e 2025. Considerando que a presente pesquisa foi iniciada em 2024, optou-se por excluir os dados referentes ao ano de 2025 da análise, a fim de assegurar a consistência temporal do estudo.

Para a realização desta pesquisa, solicitou-se ao Museu Casa Guignard a disponibilização de documentos institucionais, como o Plano Museológico, o Plano Pedagógico e os Registros de Visitas e Oficinas. A instituição, representada por sua atual coordenadora, Wanalyse Emery¹³, forneceu como material de análise um Arrolamento Educativo – documento elaborado pela referida gestora, o qual sistematiza dados quantitativos e descritivos, relativos às atividades educativas desenvolvidas no museu, abrangendo desde o período de 1988.

No entanto, conforme mencionado pela museóloga, verifica-se a ausência de dados nesse planilhamento. Isso decorre da inexistência, até a implementação da atual gestão, de arquivos que registrem e sistematizem o histórico das atividades do Setor Educativo do museu nas gestões anteriores. Em decorrência disso, o levantamento referente aos anos anteriores ainda se encontra em fase de elaboração no momento desta análise. Até a escrita deste trabalho, constam na planilha dados referentes aos anos de 1988, 1992, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024 e 2025.

No período entre 1988 e 2012, observa-se a ausência de dados ou a insuficiência de registros em diversos anos, o que inviabiliza uma análise consistente desse intervalo. Diante dessa ausência, optou-se por delimitar o escopo desta pesquisa a partir do ano de 2013, evitando assim uma descontinuidade cronológica que comprometeria a robustez do estudo. Ademais, ressalta-se que, em decorrência da pandemia gerada pelo COVID-19, as atividades museológicas foram suspensas durante os anos de 2020 e 2021, sendo retomadas apenas em outubro deste último ano, conforme os registros¹⁴. Dessa forma, tais anos foram excluídos das análises, devido à interrupção das atividades institucionais.

Esta pesquisa levou em consideração exclusivamente os registros de escolas das redes pública e privada de ensino. Nesse sentido, o público compreendido são os estudantes dessas instituições que participaram das visitas e oficinas propostas pelo

¹³ Possui graduação em História (Licenciatura); graduação em Museologia (Bacharelado); e Pós-Graduação em Comunicação, todas as titulações foram conferidas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Tem experiência na área de História, com ênfase em Educação e Patrimônio Cultural. Experiência em Museologia, com ênfase em Documentação Museológica e Comunicação Museológica. Trabalhou na área museológica, principalmente com organização de documentação, gestão e atualização de pesquisa sobre os acervos museológicos. Atualmente, trabalha como professora de História na Rede Ensino Estadual de Minas Gerais.

¹⁴ Apesar do retorno das atividades em outubro de 2021, o período foi desconsiderado. Pois, não há registros de escolas, mas apenas de público espontâneo, sem categorizar.

educativo. No que tange, a relação do recorte municipal, buscou-se evidenciar o público proveniente da cidade de Ouro Preto, que engloba a sede e todos os distritos pertencentes ao município.

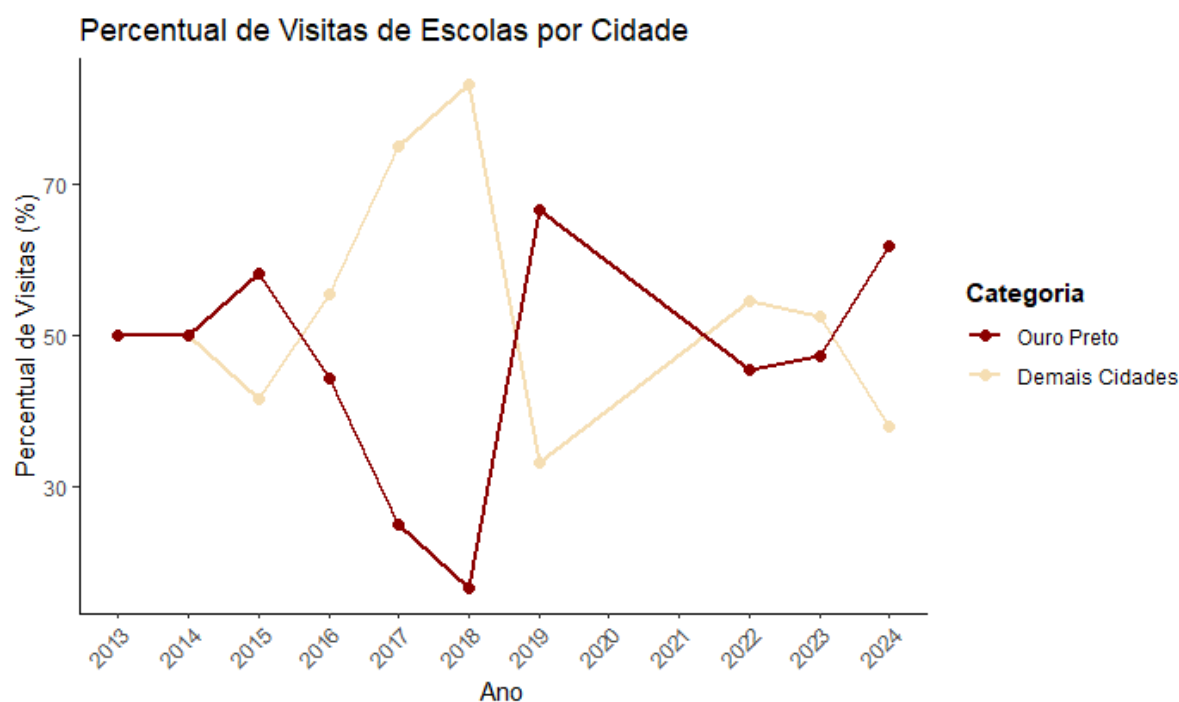
3.2. Resultados Obtidos

Nesta sessão, trazemos os gráficos obtidos nas análises, através dos recursos do software *RStudio*¹⁵.

Em um primeiro momento, procurou-se evidenciar diferenças entre a participação do público ouro-pretano e o público externo a Ouro Preto. Os gráficos a seguir mostram as proporções percentual e absoluta do total de escolas visitantes, referentes às escolas do município e às escolas de outras cidades, nos anos de 2013 a 2024. Para isso, contabilizamos apenas uma visita por escola a cada ano, evitando repetições.

¹⁵ “R é um ambiente computacional e uma linguagem de programação que vem progressivamente se especializando em manipulação, análise e visualização gráfica de dados. Na atualidade é considerado um dos melhores ambientes computacionais para essa finalidade. Já o RStudio é um ambiente de desenvolvimento de códigos em linguagem R. Ele funciona como uma espécie de interface, para utilizá-lo é necessário já possuir o R instalado em seu computador. A principal vantagem de se utilizar o RStudio é que ele permite que o usuário realize suas análises de maneira muito mais organizada e intuitiva” (Santos, 2021, p. 3).

Figura 13: *Proporção percentual das visitas realizadas por escolas de Ouro Preto e escolas de outros municípios, por ano.*

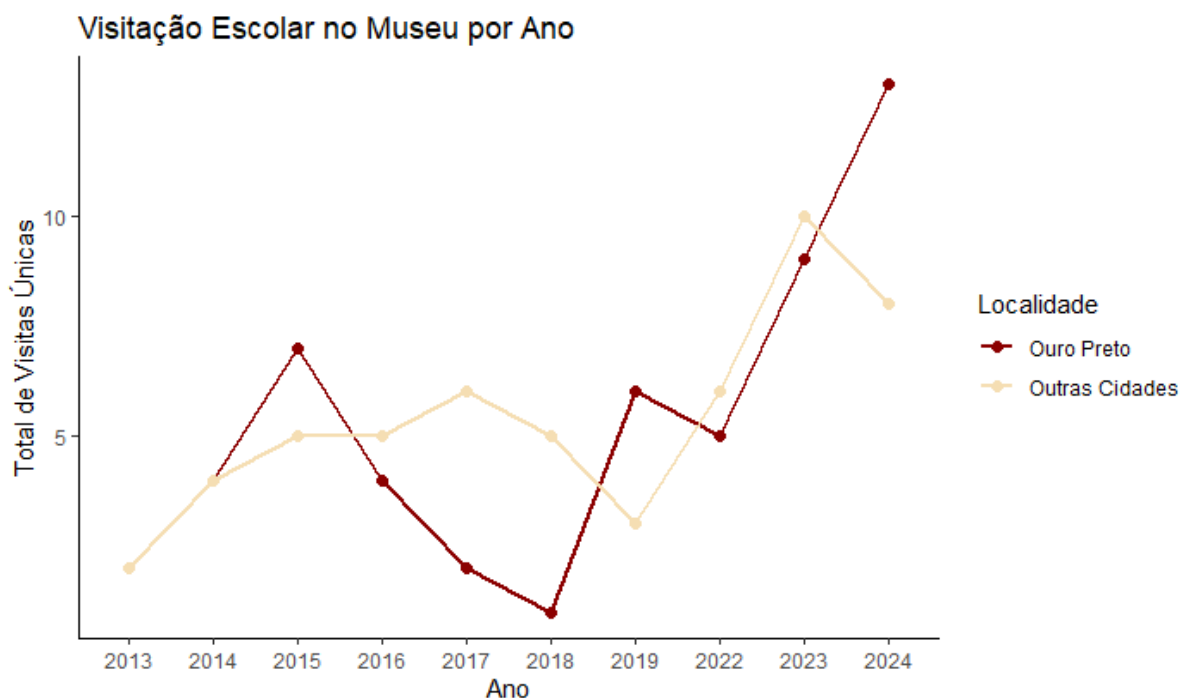


Fonte: A autora, 2025.

Este gráfico apresenta a distribuição percentual das visitas escolares, comparando duas categorias de cidades: Ouro Preto representando a primeira categoria, e as demais cidades analisadas constituindo a segunda categoria.

Ouro Preto igualou esse percentual em 2013 e 2014, seguido de um aumento em 2015 comparado aos demais municípios, porém apresentou uma expressiva tendência decrescente até 2018. Destaca-se o ano de 2019 como ápice do indicador, seguido por um menor percentual no retorno pós-pandemia nos anos de 2020 e 2021. Observa-se que o museu tendeu a estabelecer uma articulação crescente em relação às atividades pedagógicas desenvolvidas com as instituições de ensino do município a partir de 2022 a 2024.

Figura 14: Comparação entre a quantidade de visitas realizadas por escolas de Ouro Preto e escolas de outros municípios, por ano.



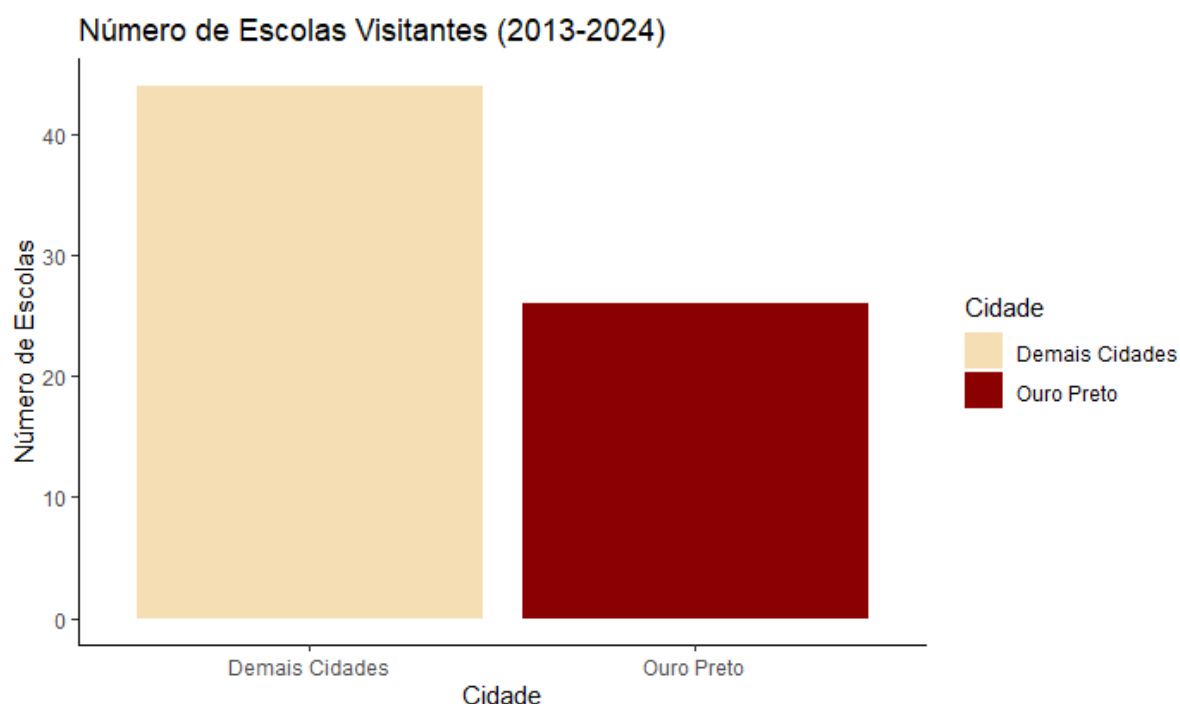
Fonte: A autora, 2025.

O gráfico em análise permite comparar o número de visitas realizadas por escolas do município de Ouro Preto e por instituições de ensino de outras cidades, considerando apenas registros únicos (sem repetição). Nota-se que os únicos anos em que a quantidade de escolas ouro-pretanas que visitaram o museu superou as de outros municípios foram 2015, 2019 e 2024, com maior ênfase neste último.

Percebemos uma crescente a partir do ano de 2022. Analisando detalhadamente a planilha com os dados das escolas, sugere levantar a hipótese de retorno de escolas que já haviam participado em anos anteriores, somado à adesão de novas escolas que até então não haviam integrado as ações pedagógicas do museu. Alternativamente, esse aumento pode indicar uma maior articulação para alcançar escolas que, até 2023, ainda não tinham sido vinculadas às iniciativas educacionais.

Condensando esses valores do gráfico na Figura 14 ao longo do período analisado, obtém-se o seguinte gráfico:

Figura 15: Comparação entre a quantidade de escolas visitantes de Ouro Preto e escolas visitantes de outros municípios ao longo dos anos



Fonte: A autora, 2025.

O gráfico em análise evidencia que o quantitativo de escolas provenientes de outros municípios supera o número de instituições de ensino de Ouro Preto. Sendo neste período 26 escolas de Ouro Preto e 44 de outras cidades. O que representa quase 50% de diferença entre as duas categorias.

NÚMERO DE ESCOLAS QUE VISITARAM O MUSEU 2013-2024 (SEM REPETIÇÃO)	
Cidade	Número de Escolas Visitantes
Ouro Preto	26
Demais Cidades	44
Total	70

Tabela 1 – Número de escolas que visitaram o museu 2013-2024

Além do levantamento quantitativo das instituições, foi analisado o volume total de estudantes que visitaram o museu. O gráfico abaixo apresenta uma comparação entre o número de estudantes de Ouro Preto e de outras localidades que visitaram o museu no período de 2013 a 2024.

Figura 16: Comparação entre visitantes de Ouro Preto e visitantes de outros municípios, por ano.



Fonte: A autora, 2025.

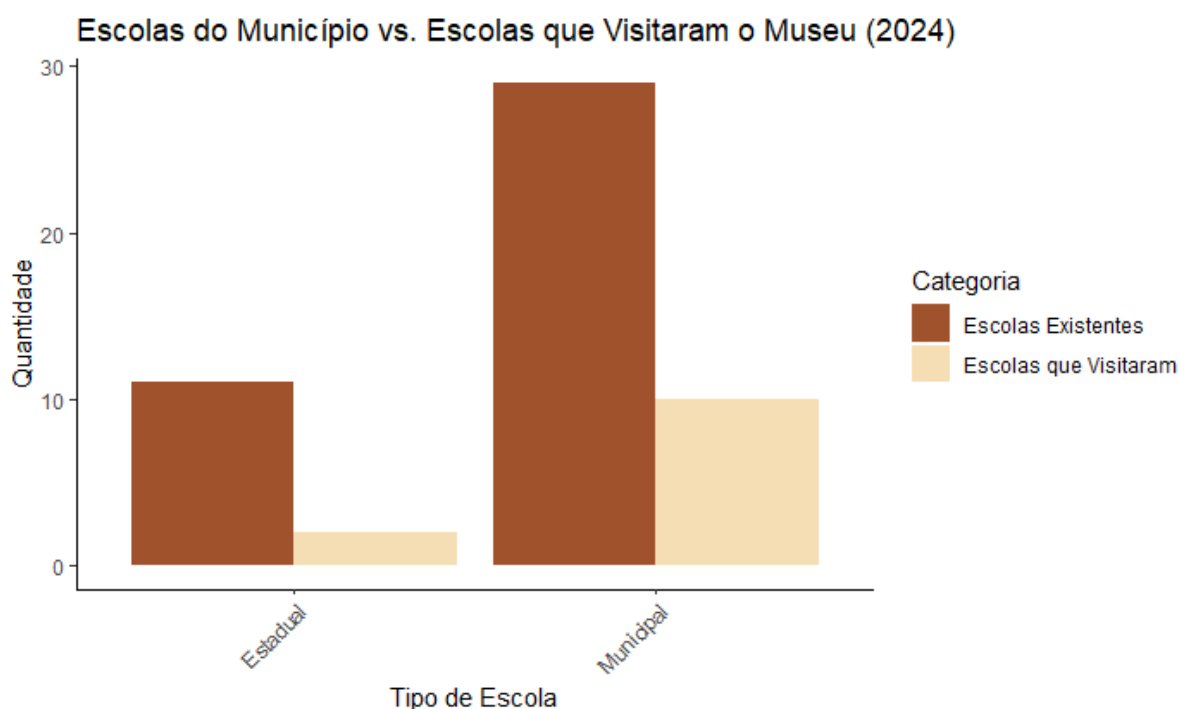
Com exceção do período compreendido entre os anos de 2015 a 2018, é visto que o público ouro-pretano supera significativamente o público de outras cidades. Os anos de 2019, 2022 e 2024 destacam-se por apresentarem as maiores discrepâncias quantitativas entre os públicos comparados. Novamente, destaca-se o ano de 2024, pois o público de Ouro Preto apresentou um número expressivamente superior, ultrapassando todos os valores registrados das demais cidades e também da própria cidade, nos outros anos aqui analisados.

Devido o destaque do ano de 2024 nos gráficos presentes nas Figura 13 e Figura 15, procedeu-se à análise das escolas participantes, considerando sua natureza administrativa. Objetivou-se estabelecer um paralelo entre as escolas existentes na cidade de Ouro Preto e, dentre essas, quais se fizeram presentes no Museu Casa Guignard no ano de 2024. Para tanto, os dados referentes a escolas privadas foram excluídos da amostra, visto que não foi possível determinar quantas instituições particulares do município se enquadravam no recorte populacional definido para esta pesquisa.

ANO	FREQUÊNCIA DE PARTICIPANTES, SEM REPETIÇÃO, DE ESCOLAS POR CIDADE	
	Ouro Preto e distritos	Demais cidades
2013	60,6%	39,4%
2014	63,2%	36,8%
2015	47,4%	52,6%
2016	40,5%	59,5%
2017	32,2%	67,8%
2018	19%	81%
2019	86,5%	13,5%
2022	73,9%	26,1%
2023	50,5%	49,5%
2024	81,5%	18,5%

Tabela 2 – Frequência de participantes de escolas por cidade

Figura 17: Comparação entre escolas que existem no município e escolas que estiveram no museu, por esfera de administração, no ano de 2024.



Fonte: A autora, 2025.

No gráfico acima é observado um dado relevante acerca das escolas públicas de Ouro Preto: a maior parte dessas instituições não esteve presente no museu no ano de 2024¹⁶. Além disso, constata-se que a participação das escolas municipais no museu foi superior à das escolas estaduais – um resultado esperado, uma vez que o

¹⁶ Dentro dessa análise, não foi possível executar a pesquisa comparando outros anos. Pois, não foi possível encontrar informações sobre a existência das escolas nos anos trabalhados nesta pesquisa.

município possui um quantitativo maior de instituições municipais em comparação às estaduais. Segundo a Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto, o município possui 29 escolas municipais (Ouro Preto, 2025). Ainda, sobre a quantidade de escolas estaduais, de acordo com a Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto (2025), o município possui 11 escolas estaduais.

TIPO DE ESCOLA	FREQUÊNCIA: ESCOLAS PÚBLICAS QUE VISITAM O MUSEU VS ESCOLAS EXISTENTES (AMBAS AS COLUNAS PARA OURO PRETO E SEUS DISTRITOS NO ANO DE 2024)		
	Escolas Existentes	Escolas Visitantes	Percentual de Visitantes
Municipal	29	10	34,48%
Estadual	11	2	18,18%

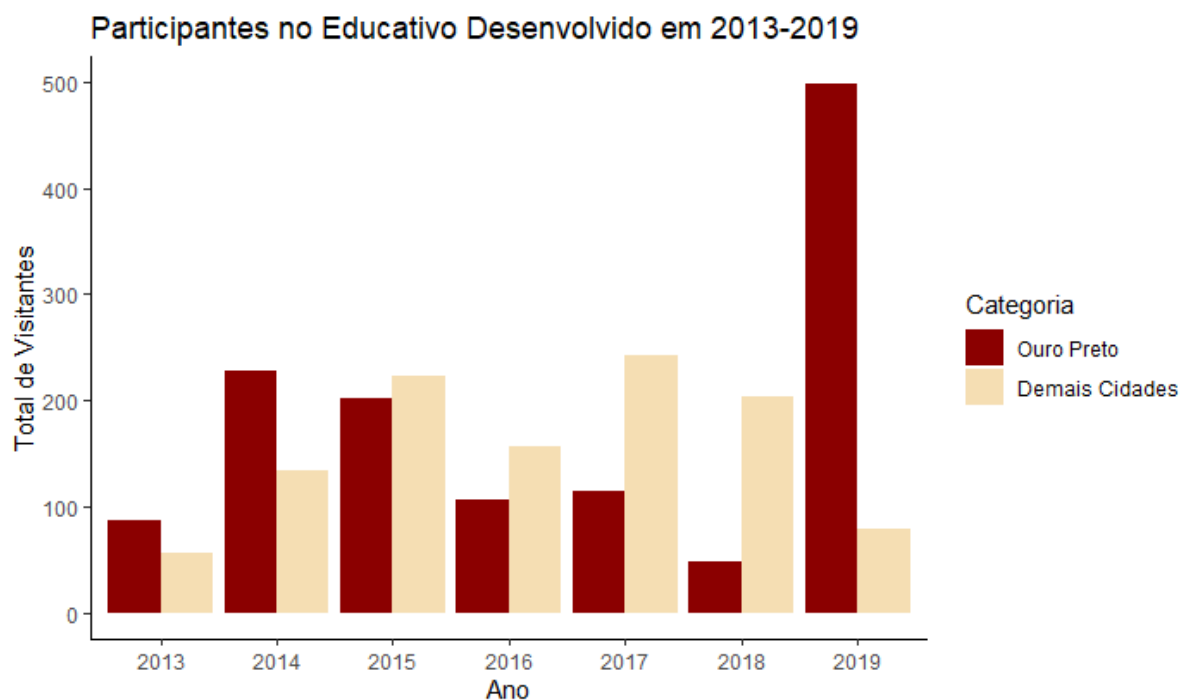
Tabela 3 – Comparação entre escolas existentes em Ouro Preto com escolas existentes em Ouro Preto que visitaram o museu

Os próximos gráficos foram segmentados em dois períodos distintos, com o objetivo de analisar comparativamente as disparidades numéricas entre as duas gestões da coordenação do museu. Conforme dados institucionais, a gestão antecedente à atual teve seu término no ano de (2019?)¹⁷, sendo sucedida pela atual gestão a partir de 2020. Desse modo, o primeiro recorte cronológico abrange o período de 2013 a 2019, correspondente à gestão prévia, enquanto o segundo refere-se ao intervalo de 2022 a 2024.

Os dois gráficos abaixo ilustram sobre a quantidade de visitantes por ano dentro de cada gestão.

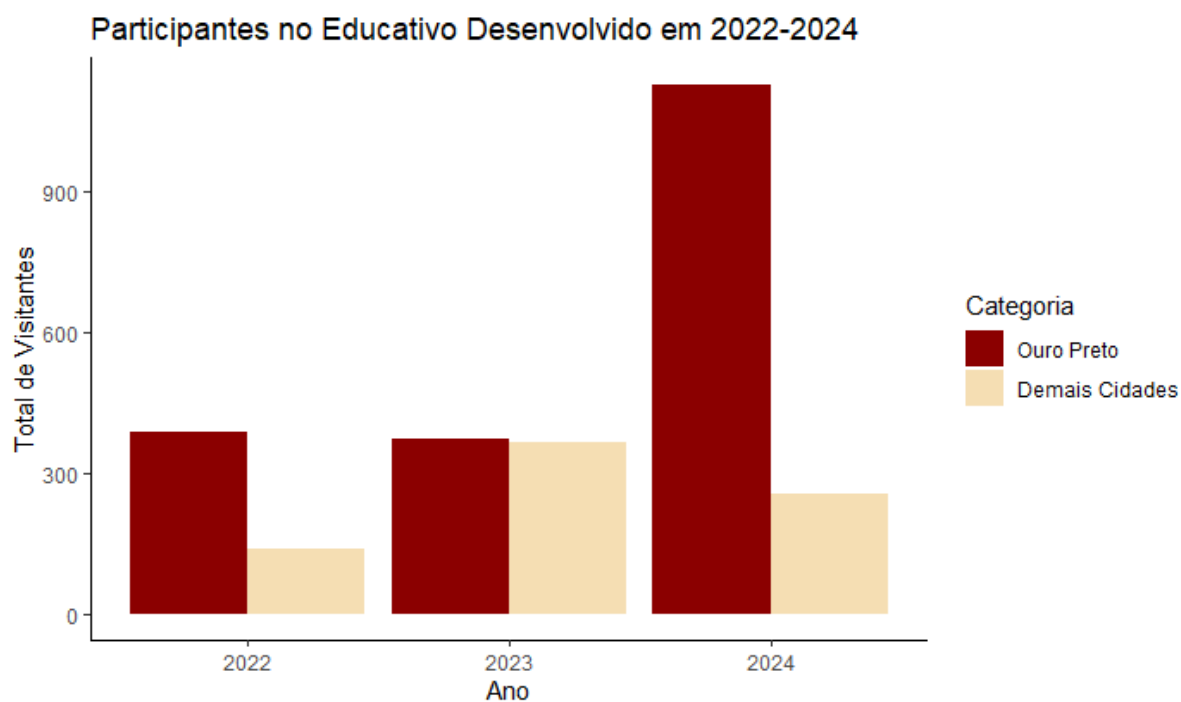
¹⁷ Como já mencionado em nota neste trabalho, inexistem os registros das gestões. Então toma-se nesta pesquisa como término do período de gestão passada, o ano anterior à posse da Coordenadora Wanalyse Emery em 2020.

Figura 18: Comparação entre visitantes ouro-pretanos e visitantes de outras cidades, durante a gestão 2013-2019



Fonte: A autora, 2025.

Figura 19: Comparação entre visitantes ouro-pretanos e visitantes de outras cidades, durante a gestão 2022-2024

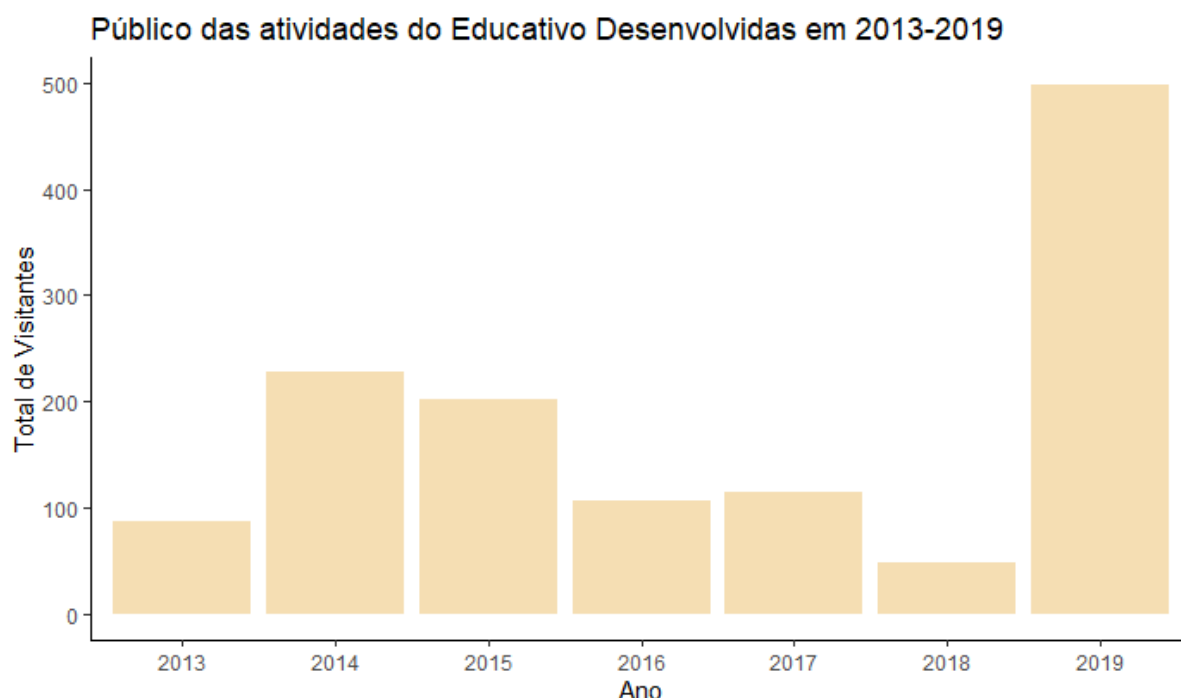


Fonte: A autora, 2025.

A análise dos gráficos (Figura 18 e Figura 19) acima permite constatar que, no período correspondente à gestão 2013-2019, as proporções entre a população ouro-pretana e a população externa apresentam oscilações, sendo o ano de 2019 marcado pelo maior contingente de ouro-pretanos em todo o intervalo analisado. No que tange à gestão 2022-2024, observa-se uma predominância do público de Ouro Preto em todos os anos, com particular ênfase no ano de 2024, que registrou o valor mais elevado do período.

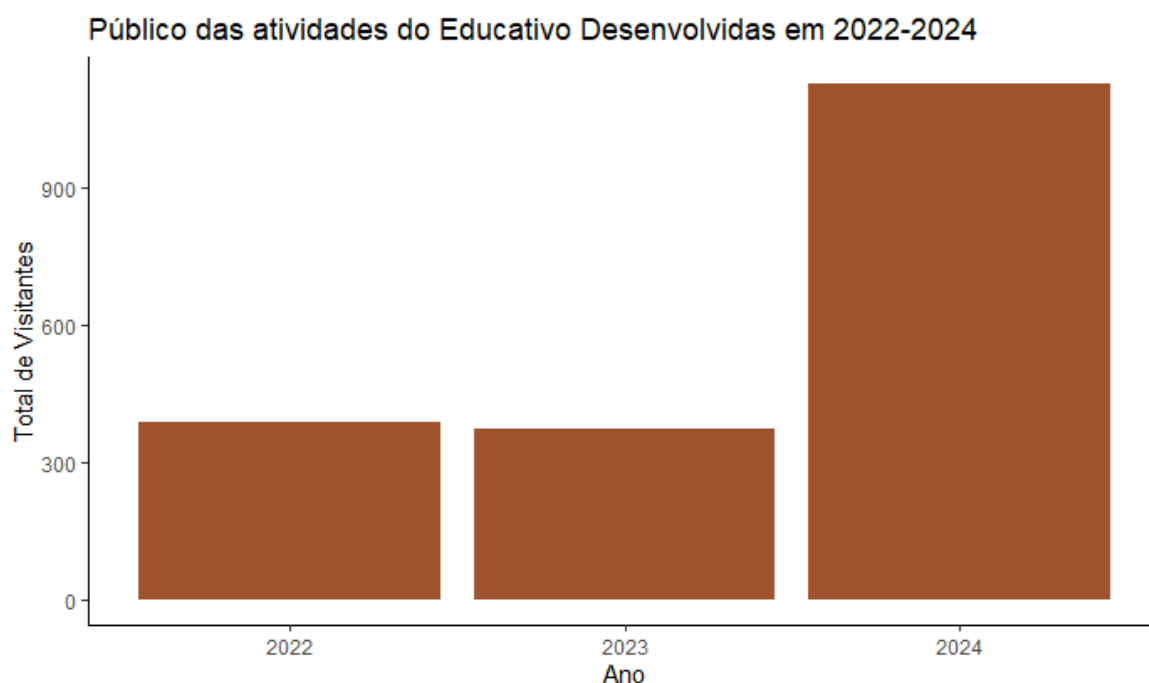
Os gráficos abaixo são um recorte dos gráficos (Figura 18 e Figura 19) anteriores, para contabilizar apenas o público da cidade de Ouro Preto.

Figura 20: *Relação de visitantes ouro-pretanos por ano, durante a gestão 2013-2019.*



Fonte: A autora, 2025.

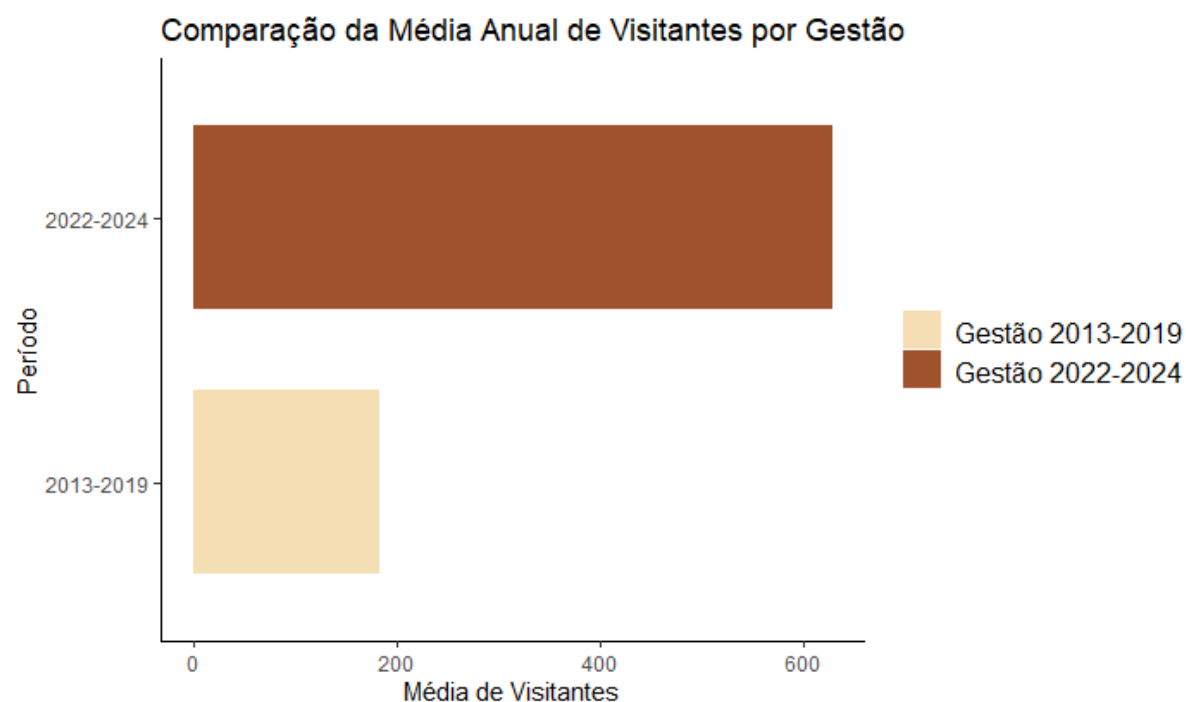
Figura 21: *Relação de visitantes ouro-pretanos por ano, durante a gestão 2022-2024.*



Fonte: A autora, 2025.

Como uma forma de comparar os dados evidenciados por esses dois gráficos, foi gerado o próximo gráfico:

Figura 22: *Relação de visitantes ouro-pretanos por ano, durante a gestão 2022-2024.*



Fonte: A autora, 2025.

A comparação entre as duas gestões é feita a partir da média, que é uma medida estatística calculada da seguinte forma: soma-se a quantidade de visitantes de cada ano, depois divide-se o resultado pela quantidade de anos observados. A partir desse cálculo, é possível fazer uma estimativa da quantidade média de visitantes ao ano.

O gráfico acima indica que a média de visitantes ouro-pretanos durante a gestão 2022-2024 é maior do que a média de visitantes ouro-pretanos durante a gestão 2013-2019.

3.3. Desempenho Institucional: Impactos na Comunidade Local

No I Encontro Nacional do ICOM-Brasil, em 1995, foram apontadas diversas questões sobre a temática da educação em museus. Dois pontos que foram foco do debate são as evidências da diversidade cultural e especificidades regionais que são muitas vezes homogeneizadas sob a valorização da cultura dominante, e o não reconhecimento da importância dos programas educativos seja pelas instituições, seja pelos profissionais da área. As perspectivas apontaram para o uso dos bens culturais como meio para o desenvolvimento das comunidades; a observância da diversidade e da necessidade de estímulo à crítica da realidade; o trabalho conjunto com a escola, fazendo dos professores seus agentes multiplicadores e, finalmente; a capacitação e treinamento regulares dos educadores dos museus para o trabalho com a comunidade.

Nos capítulos e subcapítulos anteriores, trabalhamos perspectivas e argumentações do conceito de educação museal, a “dimensão educativa” de um museu, as potencialidades inerentes desses espaços, da responsabilidade institucional e reflexões possíveis dentro dos museus. No entanto, percebendo os dados extraídos da pesquisa, convergindo com o que foi debatido até aqui, tratemos um pouco do acesso a esses espaços.

Pierre Bourdieu e Alain Darbel, no livro *O amor pela arte*, refletem sobre o fato de que “os museus guardam tesouros artísticos” que, embora estejam teoricamente acessíveis a todos, permanecem, de forma paradoxal, inacessíveis para a maior parte das pessoas (Bourdieu E Darbel, p.9, 2003). O livro, que toma forma a partir da pesquisa dirigida por Bourdieu, com a colaboração da Professora Dominique

Schanapper e o Professor Alain Darbel, apresenta não apenas a metodologia empregada – incluindo a construção do plano de sondagem -, mas também um modelo matemático específico para analisar os padrões de visitação a museus. Essa abordagem quantitativa, aliada à análise sociológica, revela como fatores como classe social, escolaridade e capital cultural influenciam o acesso e o consumo de bens artísticos.

Capital cultural é uma expressão cunhada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De uma certa forma o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. Com efeito, uma grande parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura - num sentido amplo de gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc., - que decorre das condições de vida específicas das diferentes classes, moldando as suas características e contribuindo para distinguir, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e esta da classe trabalhadora. Entretanto, o capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca- no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial- de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. Além do capital cultural existiriam as outras formas básicas de capital: o capital econômico, o capital social (os contatos) e o capital simbólico (o prestígio) que juntos formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder. (Olinto, p.24-36, jul/dez.1995)

Ao passo que que Ouro Preto é uma cidade caracterizada por uma série de processos urbanos, entre os quais se destacam a gentrificação e a favelização. A gentrificação, é um processo de transformação urbana que altera o perfil social e econômico de uma determinada região, impulsionado pela atuação do Estado e pela iniciativa privada. Nesse sentido, geralmente está associada à valorização imobiliária e à requalificação de áreas urbanas, o que atrai grupos de maior poder aquisitivo. Como consequência, ocorre a exclusão gradual das populações originalmente residentes, que muitas vezes não conseguem arcar com o aumento do custo de vida e acabam sendo marginalizadas.

Enquanto isso, a favelização é o fenômeno de surgimento e expansão das favelas em uma determinada cidade. Essa dinâmica reflete um grave problema social, pois essas formas de moradia são consequência direta de contradições econômicas, históricas e sociais profundas. Como resultado, ocorre uma ocupação desordenada do espaço urbano, marcada pela construção de habitações sem qualquer planejamento mínimo, comumente localizadas em áreas periféricas e carentes de infraestrutura básica.

Em ambos os casos, o não pertencimento surge como uma questão central, desafiando, inclusive, o papel do museu na reflexão sobre essas dinâmicas sociais. Nesse sentido, compreendemos que o sujeito que não tem com quem refletir e narrar suas vivências, acaba por se esvaziar e findar numa vivência empobrecida, pois a construção do sentido depende do diálogo e do conflito de perspectivas.

As práticas museais, enquanto dispositivos culturais, devem articular-se dialeticamente com espaço urbano, as estruturas sociais que o conformam, as experiências cotidianas dos agentes e suas interações com as materialidades e subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus possuem uma função pedagógica e transformadora na constituição dos sujeitos sociais, operando como instâncias mediadoras e facilitadoras de diálogos reflexivos fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência crítica. Essa dimensão educativa das instituições museológicas encontra-se intrinsecamente articulada tanto com o processo de formação de públicos quanto com a construção de relações substantivas com a comunidade.

Nesse sentido, a presente pesquisa objetivada em identificar as práticas pedagógicas desenvolvidas no Museu Casa Guignard, analisar as estratégias educacionais utilizadas pela instituição, e nesse sentido, refletir sobre a dinâmica relacional estabelecida entre o museu e a comunidade ouro-pretana, compreendendo como essa relação contribui para processos educativos e desconstrução sociocultural. Buscou responder à seguinte questão principal: O Museu Casa Guignard está sendo ocupado pela comunidade ouro-pretana? e às seguintes questões secundárias: para quem é esse espaço? A quem ele pertence?

O Museu Casa Guignard, inaugurado em 1987, configura-se como um espaço museológico permeado por transversalidades culturais e de vivências marcadas pela sensibilidade artística de Guignard, cuja obra tematizou ausências culturais nas paisagens ouro-pretanas. Nesse sentido, ao longo dos anos se tornou um museu referência em trabalhar a sensibilidade humana de um artista, por meio das ações pedagógicas. Contudo, à semelhança de outras instituições museológicas localizadas em centros urbanos de forte apelo turístico, enfrenta desafios relacionados à frequência, ocupação de moradores locais, bem como superar as barreiras socioculturais.

Esta pesquisa nos possibilita enxergar “Passos”, os mesmos como de Guignard - compreendendo que a análise possui um panorama inicial de dados – então, o levantamento de demais dados estatísticos em estudos futuros se faz necessário em paralelo aos levantamentos internos. Para além disso, este estudo viabiliza pesquisas futuras com base no exemplo do modelo matemático específico para analisar os padrões de visitação a museus que disponibilizamos ao longo do capítulo de análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

Bibliografia

ALLARD, Michel; BOUCHER, Suzanne. **Éduquer au musée: un modèle théorique de pédagogie muséale**. Éditions Hurtubise: Montreal, 1998.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Espaços que suscitam sonhos, museus, pavilhões de fontes hidrominerais**. Revista do Patrimônio, n. 31, p. 133-147, 2005.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: Os museus de arte na Europa e seu público**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2003.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada Museu a Ótica museológica de Mário de Andrade**. 2.ed.rev. e atual.--Chapecó, SC: Argos, 2015.

_____. Museus de ciência: assim é, se lhe parece. **Caderno do Museu da Vida**, v. 2002, p. 46-59, 2001.

COSTA, Andréa Fernandes et al. Educação museal. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: Ibram, 2018. p. 73-77.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações/Education in museums: scenery, dilemmas and some weights. **Ensino em Re-Vista**, 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

DE CARVALHO CUNHA, Nara Rúbia. Das muitas cores de uma cidade: o projeto Roxo-Rei e as memórias de negros e de índios na paisagem de Ouro Preto. **Revista Grifos**, v. 25, n. 41, p. 81-95, 2016.

DE LIMA SOUZA, Fernanda; GOMES, Maria Margarida. O Museu Nacional e a constituição da SAE: aspectos históricos de sua função educativa. **Revista CPC**, v. 17, n. 33, p. 268-294, 2022.

Freire, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido**. - 84. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre cenografias**: o museu e a exposição de arte no século XX. Edusp, 2004.

GONÇALVES, Maria Lívia CM Ramos; DE AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues. Gabinete de curiosidades: o paradoxo das maravilhas. **Educação: Teoria e Prática**, v. 22, n. 40, p. 223-238, 2012.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, Assessoria Programas Integrados. Belo Horizonte, 03 de agosto de 2020.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARANDINO, Martha. **Por uma didática museal**: propondo bases sociológicas e epistemológicas para análise da educação em museus. 2011. Tese (Livre Docência em Sociologia da educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.48.2014.tde-22102014-084427. Acesso em: 2025-02-25.

MARANDINO, Martha. **Estudando a dimensão epistemológica da pedagogia museal**. Im: Atas do IX Congresso Internacional sobre Investigación em Didáctica de las Ciencias. Girona, 9-12 de septiembre de 2013, Comunicação Oral.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**, 2018.

OLINTO, Gilda. Capital **cultural, classe e gênero em Bourdieu**. INFORMARE-Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf., v1, n2, p.24-36, jul/dez.1995.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. Educação museal. **Entre dimensões e funções educativas**: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional. Rio de Janeiro, UNIRIO–MAST, 2010.

PINTO, Júlia Rocha. **O Papel social dos museus e a mediação cultural**: conceitos de Vygotsky na arte-educação não-formal. Palíndromo, v. 4, n. 7, 2012.

Roland Schaer, **L'Invention des Musées**, Paris, Gallimard/Réunion des Musées Nationaux, 1993.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

TORAILLE, Raymond. **L'animation pédagogique aujourd'hui**. FeniXX, 1990.

VASCONCELLOS, M. das M. N. Educação em museus: qual é a especificidade deste tempo? Qual é a importância de se respeitar de forma rigorosa suas especificidades? **Ensino em Re-Vista** (Uberlândia), Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 29-42, jan./jun., 2013.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e Educação em Immanuel Kant & Paulo Freire**. Edipucrs, 2007.

RELATÓRIOS TÉCNICOS E DOCUMENTOS TÉCNICOS

COSTA, Paulo Roberto da. **Estatística**. -3. ed.- Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, Curso Técnico em Automação Industrial, 2011.

MUSEU CASA GUIGNARD. [Documento técnico de aspecto histórico e pedagógico do museu cedido para análise]. Ouro Preto: MCG, 2021. [Relatório Interno].

_____. [Documento técnico de aspecto histórico e pedagógico do museu cedido para análise]. Ouro Preto: MCG, 2022. [Relatório Interno].

PLANO MUSEOLÓGICO. A vocação do Museu Casa Guignard. Elaborado pela Diretoria de Ações Museais da SUMAV. 2010 (Digitado).

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA; SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS E ARTES VISUAIS; DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS MUSEOLÓGICAS. **Programa Educativo e Cultural. Museu Casa Guignard**, Nov., 2011.

WEBSITES

BRASIL. **Lei nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 17 mar. 2025.

_____. Instituto Brasileiro de Museus. **Portaria Ibram nº 605**, de 10 de agosto de 2021. Dispõe sobre [...]. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/legislacao-e-normas/portarias/portaria-ibram-no-605-de-10-de-agosto-de-2021>>. Acesso em: 17 mar. 2025.

BRITISH MUSEUM. **La Tribune de la Galerie I. & R. de Florence**. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1949-1011-98>. Acesso em: 01 mar. 2025.

IBRAM. **Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: Ibram, 2017. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Museal.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

_____. **Revisão da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília: Ibram, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/politicas-do-setor-museal/politica-nacional-de-educacao-museal-pnem/revisao-da-pnem>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

MINAS GERAIS. **Decreto nº 45.236**, de dezembro de 2009. Minas Gerais, Belo Horizonte, 4 de dezembro. p. 1 e 2. Disponível em: [<https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/DEC/45236/2009/>](https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/DEC/45236/2009/). Acesso em: 01 fev. 2025.

Museum Definition. **International Council of Museums**, 2022 – 2024. Disponível em: [<https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>](https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/). Acesso em: 18 out de 2024.

Museu Nacional. Disponível em: https://sae.museunacional.ufrj.br/a-sae/?utm_source=.com. Acesso em: 16 de jan 2025.

OURO PRETO. Secretaria Municipal de Educação. **Escolas**. Disponível em: <https://educacao.ouropreto.mg.gov.br/escolas>>. Acesso em: 20 mar. 2025

SANTOS, Cristiano de Carvalho. **Introdução ao R. Departamento de Estatística - UFMG**, 2021. Disponível em: <https://www.est.ufmg.br/~cristianocs/Pacotes2021/Intro.html#1>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SILVA, Maurício André da; COSTA, Andréa Fernandes (Orgs.). **História da educação museal no Brasil**. São Paulo: ICOM Brasil, ICAM CECA e ICOM CECA LAC, 2024. 207 p. ISBN 978-85-60984-73-2. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=3034>>. Acesso em: 28 abril 2025.

SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS DE MINAS GERAIS. **O Sistema. Sistema de Museus de Minas Gerais**, [s.d.]. Disponível em: <http://www.sistemademuseus.mg.gov.br/sobre/o-sistema/>>. Acesso em: 06 mar. 2025.

_____. **Museu Casa Guignard**. Disponível em: <https://www.sistemademuseus.mg.gov.br/>>. Acesso em: 01 fev. 2025.

SOARES, Cristiano. **Introdução ao R. Departamento de Estatística – UFMG**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.est.ufmg.br/~cristianocs/Pacotes2021/Intro.html#3>>. Acesso em: 15 de mar de 2025.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DE OURO PRETO. **SRE Ouro Preto**, 2025. Disponível em: <https://sreouropreto.educacao.mg.gov.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2025.